



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

SIMÃO PEDRO OLIVEIRA CARVALHO

Promover a concórdia

Análise filosófica, teológica, pedagógica e didática à quarta unidade letiva do 5º ano do ensino básico

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

sob orientação de:

Prof. Doutor D. António José da Rocha Couto

E coorientação de:

Prof. Doutor José Carlos Carvalho

Porto

2014

"A concórdia não é uniformidade de opiniões, mas concordância de vontades."

S. Tomás de Aquino

"A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, já que nunca pensaremos todos da mesma maneira, já que nunca veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos."

Mahatma Gandhi

"Não se pode manter a paz pela força, mas sim pela concórdia."

Albert Einstein

"O sofrimento em favor dos que sofrem é a categoria que resume o amor aos outros, especialmente aos mais pequenos e indefesos"

J. B. Metz

Siglário

AT – Antigo Testamento

Art. – Artigo

CV – Carta Encíclica *Caritas in veritate*

Comp. – Competências

DCE – Carta Encíclica *Deus caritas est*

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

EV – *Evangelium vitae*

FR – *Fides et Ratio*

Gen – Livro do Génesis

Gl – Carta aos Gálatas

GS – *Gaudium et Spes*

1 Jo – Primeira Carta de S. João

J.A. – João António

J.B. – Johann Batista

Lc – S. Lucas

LF – Carta Encíclica *Lumen Fidei*

Mc – S. Marcos

Mt – S. Mateus

Sir – Ben Sira

SNEC – Secretário Nacional de Educação Cristã

SS – Carta Encíclica *Spe Salvi*

UCP – Universidade Católica Portuguesa

UL – Unidade Letiva

VS - Versus

Introdução

Perante o tema que me propus desenvolver, ao olhar ainda que inicialmente “pela rama”, a primeira questão que me coloco é: o que significa promover a concórdia? O que é afinal a concórdia?

Relativamente à pertinência deste tema, numa tradução do dicionário, concórdia é um substantivo feminino de paz e harmonia, e tem como sinónimos: acordo, conciliação, concordância, conformidade, consonância, entendimento, harmonia e reconciliação, ou seja, é uma união de vontades das quais resulta harmonia, é a conformidade de pareceres que conduzem à paz.

Mas não é apenas uma uniformidade de opiniões é uma concordância de valores.

Numa tradução ainda que muito livre e pessoal, concórdia é a arte do coração, sendo o coração símbolo do amor, amor este que é também amor ao próximo e essência de Deus, por sua vez, Deus encarnou em Jesus Cristo que cumpriu e ensinou as leis de Deus, e qual é a lei de Deus? A lei de Deus resume-se no amor.

A Educação Moral e Religiosa Católica, enquanto disciplina escolar, assume, na escola pública *“diversas modalidades que se enquadram num continuum de graduação entre duas posições limites – num extremo, situam-se os que enfatizam a dimensão catequética... noutro lado, aqueles que valorizam como informação cultural sobre a religião cristã, a partir das suas manifestações históricas”*¹.

Assim, no que concerne ao meu tema e à sua pertinência, o mesmo justifica-se claramente a sua existência e interesse, pois, *“respeitando a identidade própria de cada aluno, o ensino religioso contribui para definir a finalidade de um projeto educativo atual, centrado num universo de valores que tem como referência normativa as tradições das Igrejas e das comunidades cristãs abertas ao diálogo”*².

¹ Cf. SNEC. *Ensino religioso escolar. O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio. VII fórum Europeu do ensino religioso escolar.* SNEC, 1998. Pág.7

²Ibidem, pág. 30

“Como católica a Igreja está aberta a todas as culturas. Reage contra a exclusão de raça, de classe e mesmo de religião. Compromete-se com a paz e com a justiça e promove a não-violência³.

Com este trabalho quero demonstrar que teremos de utilizar outros métodos para chegar àquilo que se pretende e para isso sugiro que se percorra um caminho diferente com o contributo de outros autores.

Só acrescentando estes contributos ao tema geral é que, pedagogicamente vamos conseguir articular os conceitos fundamentais da Religião e da Moral com as questões ordinárias da vida prática, ou seja, pôr os talentos a render. Trata-se de transmitir conhecimentos, mas ter em conta fundamentalmente o rigor científico e metodológico que deve pautar o trabalho daquele que ensina e quer transmitir valores fundamentais para o discente ser capaz de atingir as competências que lhe são pedidas.

Este tema é para mim uma descoberta muito grande, pois será baseado, mais aprofundadamente no teólogo Johann Baptist Metz que aborda este tema de uma forma muito distinta, dando-lhe talvez um sentido muito diferente, daquele que está no momento, pois baseia-se sobretudo na importância da memória do passado e das práticas vividas e experiências, que por sua vez causaram e causam sofrimentos nas pessoas, sendo que, este sofrimento deve ensinar o homem a viver o presente e o futuro de maneira diferente, não esquecendo as memórias e tendo-as sempre presentes na sua vivência.

Reforçarei também, na primeira parte deste meu trabalho, a importância e abrangência do tema, com contributos de outros autores, destacando desde já, Ricoeur e Levinas. O primeiro ligado ao pensamento filosófico da hermenêutica e à filosofia da vontade, à ética e à antropologia filosófica⁴ e o segundo ligado ao aprofundamento do tema liberdade, para quem o ponto de partida é sempre o “outro” perante o qual o “eu” é sempre responsável⁵.

Assim, o presente trabalho será dividido essencialmente em três partes:

- Promover a concórdia no programa de EMRC, quarta unidade letiva do programa de Educação Moral e Religiosa Católica, para o quinto ano do segundo ciclo do ensino

³Ibidem, pág. 86

⁴ LOGOS - *Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*. Editorial Verbo, 1991, nº 4, pág. 775

⁵ Ibidem, nº 3, pág. 317

básico, onde será feita uma reflexão no contexto pedagógico e didático, utilizando para o efeito diversa bibliografia, para não se tornar apenas, no debitar de opiniões e questões, e muito menos formular questões fora de contextos. Assim, interessa aqui defender o tema, mas ser crítico aos que nos é apresentado.

- Contributo de Johann Baptist Metz para a compreensão de uma cultura da memória do sofrimento humano, onde ser feita uma abordagem á sua linha de pensamento e à sua “nova teologia política”.

- Sugestão didática para uma nova unidade letiva sobre promover a concórdia.

Falta-me ressaltar desde início que, por mais que eu possa vir a mencionar no alinhamento do meu trabalho, este é desde já, um tema muito abrangente e sobre o qual se poderia “divagar” por diversas questões e valores.

Não esqueço também que, o objetivo não é, eu no final ficar com a ideia de que disse tudo e abordei tudo e sei tudo. Antes pelo contrário, estou desde já consciente de que, como reflexão académica que é, é suscetível de evolução, de crítica e por sua vez de aperfeiçoamento, logo nunca concluída.

1 - Promover a Concórdia no programa de EMRC

Ao iniciar esta minha abordagem ao tema “Promover a concórdia”, tenho de começar logicamente por analisar, como ele se apresenta no programa de EMRC, sua estrutura, pertinência, finalidade, objetivos e por fim, conteúdos. É este o trabalho que faço enquanto professor quando apresento, um novo projeto.

Neste âmbito e após ter frequentado o primeiro ano de mestrado e estágio fiquei mais consciente de que, nem sempre se nos apresentam “temas” com conteúdos e até mesmo estruturados com défice de rigor científico e inclusivamente pouco escolares.

Assim, começo com a análise ao programa, sobre o tema “promover a Concórdia”, dando conta de diversos aspetos e questões pertinentes contidas no mesmo.

1.1 - Competências Específicas⁶

Na Unidade Letiva “Promover a Concórdia, o programa define onze Competências Específicas que passo a citar e posteriormente a analisar:

1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.
5. Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos.
6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
8. Relacionar o fundamento religioso da moral cristã com os princípios, valores e orientações para o agir humano, propostos pela Igreja.

⁶Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa, 2007.

9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano.

14. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo, particularmente do Catolicismo.

23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.

24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida cotidiana.

25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Perante estas competências, importa agora avaliar o seu enquadramento no âmbito desta unidade letiva bem como o tipo de linguagem e de formulações aplicadas para aferir ao nível didático e pedagógico do seu lugar ou eventual deslocação ou invalidade.

Comp. 1

Esta é uma competência que é transversal a todos os temas referidos. Penso que poderia afirmar que o grande objetivo é perceber o ser humano como um ser digno e para quem tudo converge.

O fato de esta competência estar incluída nesta unidade letiva, revela a importância de toda a pessoa saber distinguir o bem do mal e ser capaz de escolher o bem à luz da mensagem cristã e quem diz o bem, refere-se também à verdade, pois *“todo o ser humano*

sinceramente aberto á verdade e ao bem, pode chegar a reconhecer o valor sagrado da vida humana desde o seu início até ao seu termo e afirmar o direito que todo o ser humano tem, de ver plenamente respeitado este seu bem primário”(EV, nº101). Acerca do bem e do mal e desta escolha concreta, o Papa Francisco diz “*quando falta a luz, tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal*” (LF. nº3) ou seja, a luz da mensagem cristã ajuda a diferenciar o caminho, a estrada que leva o ser humano á meta da sua dignidade.

Não posso esquecer que, a finalidade da DUDH é defender a dignidade da pessoa humana e ao fazer isto, reconhece a vida e a pessoa humana, num valor primordial inviolável, ou seja, o primeiro valor que não se pode violar, profanar. É uma lei e as leis são invioláveis.⁷

No contexto desta unidade letiva seria importante que o aluno reconhecesse que o ser humano abusa do poder que lhe foi confiado, tendo em conta os atentados à vida humana que são praticados todos os dias, sendo através de formas discriminatórias, sendo em guerras, atentados ao bem, à verdade, ou seja, aos direitos de todas as pessoas, pois “*a nossa cultura perdeu a noção da presença concreta de Deus, da sua ação no mundo; pensamos que Deus se encontra só no além, noutra nível de realidade, separado das nossas relações concretas*” (LF. nº17).

À luz da mensagem cristã, para se fala sobre dignidade da pessoa humana, tem de se falar em amor. Antropologicamente entre todos os seres humanos, nas suas relações e na dádiva de si próprios, é neste contexto que surge a caridade, associando o amor ao nome de Deus, pois Ele é caridade, “*num mundo em que ao nome de Deus se associa às vezes a vingança ou mesmo o dever do ódio e da violência, esta é uma mensagem atual e concreta, sendo necessário falar do amor com que Deus nos cumula e que deve ser comunicado aos outros*”(DCE nº1).

⁷ Cf. Artigo 1 da carta dos direitos fundamentais da união europeia. Foi promulgada pelo parlamento europeu em Nice a 7 de Dezembro de 2000 mas só adquiriu obrigatoriedade quando, no tratado de Lisboa lhe foi reconhecido o valor jurídico, sendo proclamada segunda vez em Dezembro de 2007.

Comp. 5

Para se promover a concórdia, bem como para se promover “qualquer outro valor”, não menosprezando nenhum deles, esta é a competência que se adequa a todos pois, o fundamento dela, é o aluno observar ou ouvir e ser capaz de identificar e ver/analisar as diferenças, neste caso entre o bem e o mal, sendo capaz de escolher o caminho do bem, como valor moral, ético e religioso.

O artigo 27 número 2, da DUDH diz: “*Todos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais, ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria*”. A minha observação ou pergunta que gostaria de não deixar de fazer: será isto que aqui se pretende?

Eu penso que se pretende que, os alunos ao observar e interpretar “coisas”, se questionem, e perguntem a si mesmo sobre a vida, passado, presente e futuro, dando assim sentido à sua própria vida, ou seja, “*no coração de cada homem existem algumas questões que estão para além de qualquer diferença de cultura, nacionalidade, raça ou religião: quem sou eu? Donde venho e para onde vou? Porque existe o mal? O que é que existirá depois da vida? É sobre a base desta experiência fundamental que o homem constrói a sua vida e lhe dá sentido.*”(FR nº1)

Não podemos esquecer que o homem, como diz Rahner é um ser interrogante, ou seja, ele próprio se pergunta sobre si, sobre o mundo e sobre o sentido da sua vida⁸.

Ao observar e se interrogar sobre questões alusivas a valores éticos e perspectivas religiosas, ele está a deixar-se guiar pelo caminho da descoberta de si mesmo.

Comp. 6

Esta competência, poderá ser um pouco a repetição da anterior sendo que, podemos encontrar pequenas diferenças, tal como o fato de aqui, o aluno ser convidado a conhecer alguns fatos da vida, algumas histórias fundamentadas e tendo por base os valores

⁸TEIXEIRA, João António. *Falar de Deus no limiar do terceiro milénio*. Paulus, 1999, pág. 22

humanistas, ou seja, os direitos humanos. Exemplo disso, e concretizando, são as histórias utilizadas no manual: “a raposa e o lenhador”, no fundo explica que os gestos e as palavras devem sempre “dizer” o mesmo; “o tigre velho e o veado novo”, onde as diferenças entre eles provocam a desconfiança e o medo, devendo ser entendido que, quando as pessoas não se conhecem verdadeiramente, tiram conclusões erradas umas acerca de outras, ou por outras palavras, não devemos julgar os outros por aquilo que nos dizem deles, pois muitas vezes, estamos a julgá-los mal; por fim, a história “um estranho perto da minha casa” que, é uma repetição da anterior, não conseguindo encontrar nela nada a acrescentar.

Finalmente, esta competência leva o aluno a ter conhecimento de situações humanas através de histórias que, por sua vez, se tornam fáceis de decorar logo, reforçando e levando o aluno a concluir aquilo que se pretende, ou seja, ao saber. Assim, o aluno passa a saber fazer, interpretando a história, mesmo que as personagens sejam animais, o que é necessário é adequá-la a situações reais da vida humana, ou como mais correntemente se costuma dizer, é fazer a “moral da história”.

Quero com isto dizer que, os textos que aqui se usam, talvez não sejam os mais apropriados, ou poderiam ser abordados de outra forma. *“O que falta é uma linguagem apropriada e uma simbólica atual e compreensiva. Não esqueçamos que é a Igreja que põe tónica nos valores importantes aos olhos dos jovens: o amor, a amizade, a fidelidade e a confiança...hoje e amanhã o grande problema que se lhe põe é o de comunicar bem estas riquezas”*⁹.

Mas quando me refiro a “moral da história” não é no sentido depreciativo, pois não me posso esquecer, e ligando ao “fazer uma leitura da vida”, como diz a competência, que moral *“é a ciência do que o homem deve ser em função do que já é”*¹⁰, ou seja, antropologicamente e sociologicamente trata-se de melhorar os costumes humanos, individuais e coletivos, mas tem os seus princípios próprios, o ser humano tende para a felicidade e por sua vez evitar a maldade e realizar a bondade, o bem, o amor.

⁹Cf. SNEC. *Ensino religioso escolar. O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio. VII fórum europeu do ensino religioso escolar*. SNEC, 1998. Pág. 86

¹⁰FLEXA ANDRÉS, José Román. *Teologia Moral Fundamental. Sapientia Fidei, série de manuales de teologia*. Biblioteca de autores cristianos. Madrid, 1997. Pág. 12

Comp. 8

Mais uma competência que é transversal a quase todos os ciclos.

No que concerne à unidade letiva onde está “inserida”, surge-me a pergunta: será que a ideia é estabelecer ligação ou relação de “mal” com “pecado”?

Sem dúvida nenhuma que, a moral cristã está patente no desenvolvimento da ética e moral humana, pois a existência do homem só tem sentido, tendo em conta o seu rumo à felicidade e à “satisfação” enquanto ser humano livre e responsável.

No que se refere à palavra relacionar, significa “estabelecer uma relação entre...Conexão entre duas ou mais coisas, que se chamam termos da relação, sejam eles objetos, pessoas, factos ou acontecimentos”¹¹, então aqui, pretende-se que o aluno consiga relacionar princípios e valores. Assim, o bem coincide com felicidade do homem, a felicidade influencia as decisões humanas, decidindo, está em relação com outros, decidindo pelo bem, abre-se ao amor, o amor torna-se base e finalidade da sua realização pessoal e princípio primeiro de orientação para tudo o que faz.¹²

Sendo a EMRC uma “atividade da Igreja” se é que posso dizer desta maneira, “*ela torna-se numa manifestação de um amor que procura o bem integral do homem*” (DCE nº19) procurando evangelizar o homem, mas também procurando a sua promoção nos vários âmbitos da atividade humana.

Outra questão que levanto é: será que os alunos, através das diversas histórias que são apresentadas no manual, conseguem chegar a esta relação? E mais do que isso, conseguirão relacionar e perceber aquilo que se pretende, tendo em conta a faixa etária em que se está a abordar esta temática?

Olhando um pouco para o tema principal da unidade letiva, “promover a concórdia”, a concórdia é um valor cristão e um valor ético como se pode comprovar no primeiro artigo da declaração universal dos direitos humanos.¹³

¹¹ LOGOS – *Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*. Editorial Verbo, 1991. Nº4, pág. 654

¹²Ibidem, pág. 42

¹³O artigo 1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos diz o seguinte: “*dotado de razão e de consciência, o ser humano deve agir um para com o outro em espírito de fraternidade.*”

Mas aqui surge uma palavra diferente que é a fraternidade, que “no final de contas” não é mais, do que a relação que estabeleci anteriormente, não esquecendo que a “*fraternidade e a caridade é a norma ultima da moralidade*” ou seja, o nosso bem (coração humano) torna-se maior quanto mais nos aproximarmos daquele sobre quem nada é melhor¹⁴.

Comp. 9

Esta é uma competência que vem ao encontro da competência anterior, mais uma vez. Relativamente ao seu conteúdo e ao seu significado nesta unidade letiva em que está inserida, é uma organização de valores, que são os valores da dignidade da vida humana.

Somos aqui convidados a abordar o significado das palavras, mal, liberdade, responsabilidade, bem, sofrimento e dor. Mas esta é também uma competência que abrange todos os temas abordados na disciplina, não sendo específico de nenhum ciclo nem ano de escolaridade em concreto.

A questão que colocaria é, como conseguir organizar algo coerente na “cabeça” de crianças, desta faixa etária (5º ano), sem ter em conta os valores ou a falta deles, os princípios ou a falta deles, que como constatamos hoje é a maior dificuldade com que nos deparamos nas nossas escolas.

O primeiro valor e, mesmo assim penso que será preciso “batalhar” muito, com o objetivo de que seja entranhado, é levar o aluno a perceber, que tem de viver a sua vida responsabilmente pois só assim se torna livre.

Só sabendo que a responsabilidade é o aspeto mais importante para a liberdade é que se consegue organizar todo um compêndio de valores, que vindo a seguir, os farão refletir sobre como escolher entre o que é bem e o que é mal, em concordar ou não concordar com as decisões tomadas e em consequência chegar a um entendimento efetivo. Neste contexto, seria importante refletir com o apoio do contributo de Levinas, que procura justificar a liberdade enquanto responsabilidade da verdade¹⁵, colocando-a em questão, pois a liberdade

¹⁴FLEXA ANDRÉS, José Román. *Teologia Moral Fundamental. Sapientia Fidei, série de manuales de teologia*. Biblioteca de autores cristianos. Madrid, 1997. Pág. 43

¹⁵ Levinas Emanuel, *Totalidade e infinito*. Lisboa Edições, 70, 2008, pág. 91

de agir tem que estar sempre em relação com o outro, é o dar-lhe aquilo que tenho, aquilo que é meu, não destruindo o ser pessoa do outro¹⁶.

Comp. 10

A segunda parte desta competência afirma servir para o aluno orientar o seu comportamento, em toda a sua vida, trata-se sem dúvida do “saber fazer”.

Antes de tudo o mais, a palavra mobilizar significa, dar movimento a; transformar um imóvel em móvel¹⁷. Transformar princípios e valores, dar-lhes movimento significa incuti-los, quer dizer que é necessários pô-los em movimento, saber concretizá-los em situações e vivências do quotidiano.

Mais uma vez trata-se de princípios e valores éticos e morais.

Se nesta competência, aqui inserida, formos a observar a sua operacionalização e conteúdos no programa da disciplina, que farei mais adiante, torna-se esta competência focada no mal e no pecado, esquecendo aqui palavras fundamentais como, amor e misericórdia, que talvez sejam as que considero “mais ligadas” ao tema geral que é “promover a concórdia”. Já para não falar na organização da unidade letiva (que farei mais adiante) que só fala do tema em si no final da mesma.

Voltando à competência, fica a ideia de que o aluno tem de ter capacidade para saber que fez mal determinada situação e está preparado, na sua idade tão tenra, para saber que é mal feito e que deve aceitar que errou, fazendo uma revisão da sua vida e de tudo o que fez até ao momento, estando disposto a perdoar aqueles que o castigaram pelo mal que fez e, mais difícil ainda, para a próxima não o voltar a fazer. Não será esta situação, até mesmo para adultos, difícil de constatar, analisar e saber “cumprir”, estabelecendo-a como princípio para todos os casos da sua vida quotidiana?

¹⁶ Ibidem, pág. 164

¹⁷ António Lobo, Dicionário de Filosofia. 4ª edição, Plátano Editora, 1996. Pág. 110

Comp. 14

Esta é uma competência que se inclui apenas no âmbito do “saber”. O objetivo claro é aprender o que Jesus Cristo, núcleo central do cristianismo, disse e fez, sobre a temática em que a competência está inserida.

Para que isto se concretize a norma usada é um ou vários textos bíblicos, neste caso é “perdoar até setenta vezes sete” usando a parábola do rei misericordioso e justo (Mt 18, 21-35). Estamos aqui perante três palavras fundamentais: perdão, misericórdia e justiça.

Podemos colocar aqui várias questões: Serão estes textos fundamentais para compreender a temática? Serão os textos mais indicados?

Pessoalmente inclinava-me mais por, neste contexto, desenvolver o tema Jesus Cristo como libertador, pois foi Ele que nos *“quis libertar para a liberdade”* (Gl 5,1) e, só assim nos tornamos capazes do amor fraterno e da concórdia com os irmãos. *“Para isso Cristo concede-nos o Espírito Santo, que nos torna livres e independentes das forças mundanas, fortalecendo-nos para uma vida de amor e responsabilidade”*¹⁸.

Para complementar a operacionalização desta competência podia começar-se por analisar o texto de S. Lucas, a parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-24) que tem a conclusão seguinte: quando o homem pensa que, afastando-se de Deus, encontrar-se-á a si mesmo, a sua existência fracassa. Assistimos a situações destas, todos os dias, colegas e alunos que estão afastados de Deus, justificando que assim são mais livres, mas é precisamente o contrário pois *“sem Deus, o homem não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem é”*(CV n°78).

O ser humano está feito *“para o dom, que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência”*, então porque teima em querer colocar Deus e Jesus de lado? O homem moderno tem-se deixado levar por esta tendência errada e convence-se *“de que é o único autor de si mesmo, da sua vida e da sociedade* (CV n°34) e é por isso que deixa de se importar com o outro, com os outros, o próximo esquecendo-se por completo de que *“a grandeza da humanidade se determina essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre”* (SS n°38) e que *“a caridade é amor recebido e dado: é graça”* (CV n°5).

¹⁸ Cf. Youcat. Catecismo jovem da Igreja Católica, 290

A lógica de fé dos cristãos centra-se em Cristo e é esta fé n'Ele que nos salva, *porque é n'Ele que a vida se abre radicalmente a uma amor que nos precede e transforma a partir de dentro, que age em nós e connosco*” (LF nº20).

Comp. 23

Esta competência já está “incluída” na competência anterior só que esta, transporta também para o âmbito do saber fazer, sendo assim, torna-se num complemento da anterior.

O que se pretende é que o aluno interprete o texto, que, como sabemos não pode ou não deve, ser lido à letra, pois muitas vezes, só se lhe encontra sentido quando se estuda e aprofunda, porém neste caso, não se trata de um estudo exaustivo.

Se olharmos também para os conteúdos que nos são apresentados na operacionalização da competência facilmente se conclui que o que se pretende é mais catequese do que escolarização, pois são-nos apresentados dois textos sobre e apenas sobre, o perdão: *“perdoa a injustiça que o teu amigo fez contra ti...Deus perdoará os teus pecados. Se tu guardares mágoa de alguém, como é que vais pedir a Deus que te perdoe? ...para de odiar e obedece aos mandamentos de Deus.”* (Sir 28, 2-7) e *“Quantas vezes devo perdoar ao meu irmão...? Não até sete, mas até setenta vezes sete... Assim também vos há-de tratar o meu Pai do céu, se cada um de vocês não perdoar de boa mente ao seu irmão”* (Mt 18, 21-35).

É importante antes de mais concluir que *“não é fácil falar de pecado e perdão no seio de uma cultura marcada pelo ateísmo e pela proclamação de uma autonomia humana”*¹⁹e, este é o tema que os textos aqui apresentados nos sugere. Neste campo teremos de fazer a comparação do mal com pecado e perdão com a desculpa pelo mal que se fez, sabendo que *“se oculta frequentemente o sentido de pecado na sociedade atual”*.²⁰

Quero com isto dizer que, tendo em conta que na aula de EMRC poderá haver alunos não crentes, os textos apresentados pressupõem já um conhecimento da religião, pois falam em pecado e perdão. Nesta perspetiva seria preferível ensinar que a mundividência cristã se

¹⁹FLEXA ANDRÉS, José Román. *Teologia Moral Fundamental. Sapientia Fidei, série de manuales de teologia*. Biblioteca de autores cristianos. Madrid, 1997. Pág. 298

²⁰ Ibidem. Pág. 299

inspirou na mensagem de Jesus para propor a concórdia como caminho de fraternidade e de construção da sociedade e para isso seriam mais adequados outros textos, assumindo desde já que o uso de textos bíblicos é viável e pedagogicamente útil.

Neste contexto, talvez fosse pertinente usar outros textos, tais como os mandamentos da lei que se resumem no mandato de procurar a perfeição, “*sede perfeitos como o Vosso Pai do céu...*” (Mt 5,48) porque “*este é o verdadeiro caminho de fidelidade para com o Pai que é perfeito*”, ou então, o caminho de misericórdia como propõe S. Lucas: “*sede misericordiosos, como o Vosso Pai é misericordioso*” (Lc 6, 36).

No “fim de contas”, talvez a premissa que se deva usar neste contexto seja a de Santo Agostinho – “se um homem mau te ofende, perdoa-lhe, para que não haja dois homens maus”²¹.

E se tomarmos por base esta premissa, talvez fosse mais útil, usar por exemplo o texto de S. Lucas: “*Se o teu irmão te ofender, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se te ofender sete vezes ao dia e sete vezes te vier dizer: “Arrependo-me”, perdoa-lhe*”(Lc 17,4).

O que Jesus quis dizer com esta frase simbólica é que devemos perdoar “sempre”, sem pôr limites. Que o perdão não deve ser uma exceção, ou um favor que fazemos a alguém, mas um modo de agir habitualmente na nossa vida.

Mas, perdoar também não é favorecer, pelo contrário, é um começo absoluto²². Por várias vezes, Jesus ensinou aos seus discípulos que deviam perdoar. E para que não esquecessem esta obrigação, deixou-a imortalizada no Pai-nosso, como acima mencionei.

Como constatarei mais adiante há diversos valores que deveriam ser abordados para se conseguir chegar a conclusões concretas acerca da temática em questão e isso não se consegue com os textos que nos são apresentados para cumprir esta competência.

²¹Cf. SNEC. *Caminhos de encontro. Educação Moral e Religiosa Católica. 5º ano do ensino básico. Manual do aluno.* Pág. 144

²² LOGOS - *Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia.* Editorial Verbo, 1991, nº4, pág. 58

Comp. 24

Para os cristãos, aquilo que praticam na sua vida quotidiana deve ter por base os ensinamentos bíblicos e suas implicações, mas digo “deve” e digo “cristãos”.

Primeiro, sabemos que aqueles que se dizem cristãos deveriam conhecer a mensagem bíblica e saber interpretá-la e enquadrá-la na sua vivência quotidiana, também sabemos que uma boa percentagem de ditos cristãos, se consideram também “não praticantes”. Não querendo entrar muito na análise a esta ultima afirmação, apenas gostaria de concluir que, só um cristão “bem formado” e interessado consegue entender estas “implicações da mensagem bíblica na vida quotidiana”.

Aqui surge logo a questão, como transmitir estas implicações a crianças que, pela sua idade, ainda estão em formação básica?

Em segundo lugar, disse anteriormente que, o cristão “deve” ter por base os ensinamentos bíblicos, para a vivência da sua vida. Não tendo em conta estes ensinamentos o cristão não pratica estes valores o que o leva ao pecado e posteriormente ao perdão e à misericórdia divina através da confissão.

Assim, Deus através de intermediários deu a conhecer a sua misericórdia e o seu amor e é na mensagem bíblica que encontramos como atuar, para estar de acordo com a vontade de Deus.

O aluno deve aqui, estar consciente de que a bíblia é, onde se encontram as orientações para o cristão viver uma vida livre e correta, orientada para a felicidade, objetivo comum de crentes e não crentes.

Comp. 25 e 26

Decidi juntar as duas competências pois a diferença que há nelas são a palavras “interpretar” e “apreciar”.

Interpretar quer dizer “*sentido em que se toma o que se ouve, lê ou vê fazer; explicação; versão; comentário...*”²³ e apreciar quer dizer “*avaliar; julgar; considerar; analisar, refere-se ao valor ou utilidade de uma coisa*”²⁴.

Assim, o que se pretende, é que o aluno aprecie e interprete o património de índole cristã, independentemente de ser arte, cultura, história, e que o consiga enquadrar nos acontecimentos da vida cristã, independentemente de serem universais ou locais. Não seria melhor que, de preferência fossem locais? Seria uma boa ajuda se estivessem mais ao alcance dos alunos.

Numa visão sobre o programa (manual do aluno), esta competência adquire-se, por exemplo, no tema “mal moral e pecado”, mais concretamente, quando é dado ao aluno, numa “caixa de texto” o exemplo de Blaise Pascal. Noutra “caixa de texto” diz que a noção de pecado está presente em várias culturas, dando o exemplo da celta, da chinesa e Índia e, a seguir, segundo a história de Portugal no documento “o exemplo do santo”.

Gostaria de salientar que, no meio desta “confusão”, encontrei uma afirmação totalmente desenquadrada, ou pelo menos não consigo perceber de onde surge o alinhamento: “*a Igreja Católica vê nos Santos, exemplos a seguir*”²⁵.

Estas competências parecem-me ser demasiado envolventes, mas no fundo trata-se de o aluno valorizar e conhecer o património que o envolve, sabendo-o observar, criticar e enquadrar num tempo e numa religião, dando-lhe o devido valor e importância.

Como anteriormente referi: “*a finalidade de um projeto educativo atual, está centrado num universo de valores que tem como referência normativa as tradições das Igrejas e das comunidades cristãs abertas ao diálogo*”²⁶. Quando fala em comunidades e tradições penso que, esclarece o fundamento de apreciar e interpretar que fazem parte desta competência.

²³ LOGOS - *Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*. Editorial Verbo, 1991, nº 2, pág. 1473

²⁴ António Lobo, *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição, Plátano Editora, 1996. Pág.15

²⁵Cf. SNEC. *Caminhos de encontro. Educação Moral e Religiosa Católica. 5º Ano do ensino básico. Manual do aluno*. Pág.130

²⁶Cf. SNEC. *Ensino religioso escolar. O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio. VII fórum europeu do ensino religioso escolar*. SNEC, 1998. Pág.30

1.2 - Enquadramento e Pertinência Pedagógica no programa de EMRC

O tema “promover a concórdia” encontra-se no programa do 5º ano do segundo ciclo do ensino básico.

Faz parte das cinco unidades letivas a lecionar, sendo que é a penúltima a ser abordada, segundo a seguinte organização para o segundo ciclo, do referido programa²⁷: para o quinto ano a UL1: Viver juntos, a UL2: A água, fonte de vida, a UL3: Jesus, um Homem para os outros, a UL4: Promover a concórdia e, a UL5: A fraternidade. Para o sexto ano, a UL1: A pessoa humana, a UL2: Advento e Natal, a UL3: A família, comunidade de amor, a UL4: O pão de cada dia e, a UL5: O respeito pelos animais.

Como observamos no anterior esquema, no quinto ano do segundo ciclo do ensino básico, parece-me ter-se decidido “misturar” alguns temas pertinentes: a importância que tem o saber viver em grupos ao longo de toda a vida do ser humano, com a importância da água para a sobrevivência e subsistência do ser humano (não esquecendo que aqui se faz uma pequena alusão à água que serve para batizar), com a pessoa de Jesus, que é um homem para os outros e por fim concórdia e fraternidade que a meu ver, poderiam ser apenas, um tema.

Como tenho conhecimento, este fato tem-se vindo a fundamentar em diversos trabalhos académicos e também aqui o constato, que é, o não encontrar um alinhamento ou até mesmo fundamentos para determinados assuntos serem tratados na disciplina de EMRC e tendo em conta que esta matéria (a definição de conteúdos) é da competência da autoridade eclesial²⁸, o meu objetivo é contribuir para demonstrar a necessidade de se alterarem ou fundamentarem pedagógica, didática e moralmente, conteúdos do tema promover a concórdia.

Aproveitando aqui, a minha experiência como docente, não que seja muita, considerando que sete anos “é o início de um caminho”, eu tenho por hábito fazer no quinto ano da seguinte forma: durante o primeiro período abordo apenas o tema “caminhar em

²⁷Cf. Secretariado Nacional de educação cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa 2007.

²⁸ Art. 19, nº 5 da Concordata entre a Santa Sé e a Republica Portuguesa, 2004

grupo” usando, para além de alguns textos do manual e fichas do caderno do aluno, outras valências e atividades já trabalhadas ao longo destes anos e que têm vindo a demonstrar resultados muito positivos.

Porquê começar com este tema? É importante, pois os alunos estão no início de uma nova caminhada e no meu caso, os alunos chegam agora pela primeira vez a uma escola diferente, a uma escola maior, onde há alunos mais velhos, onde não vão ter apenas um professor, mas sim, um grupo de professores, sendo que não vai ser só um, como até aqui, a avaliar as suas capacidades, mas sim, vários. É sem dúvida uma adaptação que o aluno vai ter que ser capaz de fazer sendo que, nalgumas situações têm ocorrido casos de má adaptação ou até mesmo inexistência dela. E faço isto, tendo por base as metas curriculares da disciplina no que concerne às finalidades da disciplina, que tem por base três fatores fundamentais: a sociedade, os conhecimentos científicos e o aluno²⁹ e também segundo a Lei de bases do sistema educativo quando se refere á promoção de uma equilibrada harmonia, entre os níveis de desenvolvimento físico, cognitivo e social dos alunos³⁰.

Assim, este tema serve acima de tudo, para levar os alunos a entender, que toda a sua vida, vai ser praticamente vivida em grupos, grupos estes de diversos tipos e com diversas finalidades e objetivos, interesses, atitudes e até mesmo diversas aprendizagens.

Sem qualquer dúvida que é preciso aprender a viver em conjunto pois, *“a educação é uma experiência social. Já ninguém vive numa quinta isolada ou numa aldeia fechada. A mundialização abre cada um a todas as culturas, a todas as raças, a todas as religiões... todo o emprego implicará um trabalho em equipa.”*³¹

No segundo período, abordo a unidade letiva “promover a concórdia” e a unidade letiva “A fraternidade”³².

²⁹ Despacho 5306/2012 de 18 de Abril, nº1. Metas Curriculares de EMRC.

³⁰ Art. 47, nº1 da Lei de bases do sistema educativo, lei nº 46/86 de 14 de Outubro

³¹Cf. SNEC. *Ensino religioso escolar. O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio. VII fórum europeu do ensino religioso escolar.* SNEC, 1998. Pág.79

³² Penso que esta forma pessoal que uso é também um pouco de uso comum, pois uso e observo com frequência diversos sites, blogues, moodle, etc., “locais” nacionais de EMRC, muitas das vezes, interativos, constatando que, se aproveita, tal como eu faço, para comemorar, em aula e fora dela, os diversos dias, dedicados a várias “problemáticas”. No meu caso eu tenho por hábito comemorar o dia da paz e o dia da não-violência.

No meu ponto de vista faz sentido, abordar estas duas unidades letivas juntas, senão, olhemos um pouco, e não me querendo alargar muito neste campo, para os títulos ou temas das duas unidades letivas.

Promover a concórdia	A fraternidade
A liberdade humana	O passado comum da humanidade
O agir moral	Os grupos a que pertencemos
A desconfiança e o medo	Igualdade entre as pessoas
Mal moral e pecado	O universo e a terra são a nossa casa
Manifestações do mal	A fraternidade cristã
Promover a concórdia	A amizade
O perdão promove a concórdia	Quando negamos os irmãos...
	A luta não-violenta pela fraternidade.
	Expressões de fraternidade na arte
	Viver com os outros como irmãos
	Vamos construir um mundo fraterno

Esquemmatizando um pouco o tema da fraternidade, intercalando-o com a concórdia, então: a humanidade sempre viveu e se desenvolveu em grupos, estabelecendo e fortalecendo os seus laços sociais através da solidariedade uns para com os outros. Sendo assim, os grupos a que pertencemos, ajudam-nos a crescer e assim nós também ajudamos os outros a crescer, sendo que o grupo é constituído por pessoas, que não perdem assim, a sua liberdade (liberdade humana, 4UL).

Por sua vez o texto inicial da “Igualdade entre as pessoas” começa da seguinte forma: *será fácil vivermos com os outros? Uns pensam de uma maneira, outros pensam de outra, alguns querem tudo em função dos próprios interesses...*³³ Então, não será este o mesmo objetivo dos títulos: “o agir moral”, “a desconfiança e o medo”, “o mal moral”. Perdoem-me, mas eu encontro algumas semelhanças.

³³SNEC. *Caminhos de encontro. 5º Ano. Manual do aluno. Educação Moral e Religiosa Católica.* Pág.158

Não basta educar para a tolerância, “*é preciso educar também para o respeito pelos outros e para os sacrifícios que a solidariedade solicita*”.³⁴

Não poderia deixar de analisar o título “fraternidade cristã” do manual, que segue esta ideia: “...*a igual condição de filhos de Deus, responsabiliza-nos por todos, sensibilizando-nos para acolher cada irmão da família humana*”³⁵, sendo assim e continuando, temos de ser amigos (amizade), “*uma boa palavra multiplica os amigos, a linguagem... atrai muitas pessoas...*” (Sir 6, 5-11) e, se isso não acontecer, “negamos os irmãos”, julgando-os e maltratando-os (mal moral e pecado? Manifestações do mal?).

Concluindo, promove-se a concórdia entre os homens através de uma “luta” pela fraternidade e porque o “perdão promove a concórdia” devemos viver com os outros como irmãos para assim nos concretizarmos enquanto seres humanos e conseguirmos construir um mundo mais fraterno.

No terceiro período então, leciono as duas unidades letivas em falta: Jesus de Nazaré e a Água, Fonte de vida, sendo que também estes temas se “tocam” em alguns aspetos.

Aceito contudo que, voltando ao início, o terem decidido fazer o esquema desta forma, tem os seus fundamentos e com certeza também, o objetivo do progresso da aprendizagem dos alunos (com algumas incongruências na concretização), com muito pouca lógica a meu ver, as vertentes do saber, do saber fazer e do saber ser, contudo é para mim um pouco difícil definir o “fio condutor” com que se pautaram.

Assim, a meu ver, da forma como está apresentada a unidade letiva não tem qualquer pertinência pedagógica pois não vai ao amago e ao encontro das necessidades do tema central, pois para se explicar aos alunos o que é a concórdia é necessário primeiramente explicar-lhes o porquê de ser um tema pertinente e para isso é necessário trabalhar a justiça, a liberdade, o que acontece quando não há concórdia e como devemos atuar depois de saber tudo isso.

O fato de começar o ano a tratar o tema viver juntos já implica que se segue nesse caminho, a experiência com o outro, as relações com os outros, o entendimento a fraternidade e a concordância com o que os outros e os grupos fazem. Só seguindo essa linha

³⁴SNEC. *Ensino religioso escolar. O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio. VII fórum europeu do ensino religioso escolar.* SNEC, 1998. Pág.79

³⁵ Ibidem. Pág.162

se consegue fazer a ligação ao tema da concórdia, por isso é que não vejo razão para no meio dos dois temas falar da importância da água, nem tem qualquer sentido. Talvez, mas isso já não interessa para o meu trabalho, se deva juntar o tema da água quando se fala da pessoa de Jesus e seus ensinamentos.

Não podemos deixar de ter em conta que, *“toda a educação deve ensinar a ser. Num mundo cada vez mais aberto a todas as ideologias, os professores arriscam-se a já não ousarem transmitir escalas de valores, a já não ajudarem os jovens a adquirir a convicção interiorizada e uma espinha dorsal ética”*³⁶.

Compreendi melhor esta situação nos últimos dois anos, em que frequentei este mestrado, percebendo que em “muitos casos” não se encontra uma “lógica” pedagógica nas sugestões apresentadas no programa, o que leva em muitos casos, à dispersão e ao “cada um faz o que lhe apetece”, podendo assim, decidir o que para si, lhe parece mais importante, mais adequado e até por vezes, mais fácil abordar, esquecendo por vezes até, o conceito de currículo a que estamos “obrigados”, sendo que, é *“o conjunto de aprendizagem e competências, integrando os conhecimentos, as capacidades e os valores, a desenvolver pelos alunos... de acordo com os objetivos consagrados pela lei de bases do sistema educativo”*³⁷.

É preciso sublinhar fortemente que *“uma educação neutra nunca existiu e não existirá no futuro. É aqui que a tradição cristã, com a sua insistência nas diferentes dimensões da existência, na síntese da pessoa e da comunidade, na importância, da paz e da justiça para todas as formas de convívio, continuará a desempenhar um papel importante, mesmo e sobretudo num mundo secularizado, tentado pela unidimensional e pela centralidade do, eu.”*³⁸

Por tudo o referido anteriormente, penso que se deveria pegar nesta temática de maneira diferente. Primeiro será importante focarmo-nos na realidade, ou exemplo do passado, para chegar á conclusão que não podemos permanecer indiferentes com aquilo que

³⁶SNEC. *Ensino religioso escolar. O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio. VII fórum europeu do ensino religioso escolar.* SNEC, 1998. Pág.80

³⁷ Dec. Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro. D.R: I Série A. Portugal, Ministério da Educação, nº 15

³⁸ SNEC. *Ensino religioso escolar. O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na Europa no limiar do 3º milénio. VII fórum europeu do ensino religioso escolar.* SNEC, 1998. Pág.81

sucedem ao nosso redor³⁹, olhando para o passado de experiências, algumas de sofrimento, chegar à conclusão que é urgente obter solidariedade entre as gerações, sendo ela um dever e uma responsabilidade que pertence a cada um⁴⁰. Esta solidariedade será assim reflexo da liberdade e responsabilidade de cada um em busca da concórdia ou seja do caminho do bem. Este seria o melhor caminho a seguir e aquele que traria uma maior dignidade curricular a esta unidade e a esta temática.

De destacar também neste contexto que, o estado ao cooperar com a Igreja também no que respeita à disciplina de EMRC, fá-lo tendo em vista a promoção dos direitos humanos, do desenvolvimento integral de cada pessoa e dos valores da paz, solidariedade e da liberdade⁴¹.

Tal como referi seria de todo mais eficaz, se esta temática fosse abordada em conjunto com a temática da fraternidade, porque nesse aspeto seria também imprescindível falar de justiça, paz, diálogo e caridade e assim tratar-se-ia de falar aos jovens do apreço pelo valor positivo da vida, suscitando neles o desejo de consumi-la ao serviço do bem⁴².

Assim, esta temática ganharia mais espaço e no contexto dos temas para o 5º ano, seria a segunda a ser lecionada, logo a seguir à unidade viver juntos que serviria de “introdução” a esta grande unidade letiva e fulcral para estas crianças e adolescentes.

Mas, olhemos também um pouco para os conteúdos e a coerência destes com as competências.

1.3 - Estrutura temática – operacionalização / conteúdos

O programa de EMRC, para esta unidade letiva relaciona os conteúdos com a seguinte operacionalização das competências:

³⁹ Bento XVI – Dia mundial da paz. 1 de Janeiro 2010, nº11

⁴⁰ Bento XVI – Dia mundial da paz. 1 de Janeiro 2010, nº 8

⁴¹ Lei 16/2001 de 22 de Junho, Art. 5 – Princípio da cooperação

⁴² Bento XVI – Dia mundial da paz, 1 de Janeiro de 2012, nº 1

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
1. Interpretar produções culturais que aludam a situações em que se manifestam os vários significados da palavra «mal». (Comp. 5)	<ul style="list-style-type: none"> • Significados da palavra «mal»: a doença, o sofrimento humano provocado pela morte ou infortúnio de alguém, as catástrofes naturais e a sua repercussão sobre o sofrimento humano, o sofrimento que outras pessoas nos infligem ou que infligimos a outrem...
2. Organizar um universo de valores fundado no reconhecimento da dignidade da pessoa humana e nos valores éticos que daí decorrem. (Comp. 1 e 9)	<ul style="list-style-type: none"> • O mal moral: o antónimo de «fazer o bem», «fazer aos outros o que não gostamos que nos façam a nós», «não fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem a nós», «fazer do outro um instrumento nas minhas mãos», «infligir sofrimento a mim mesmo ou ao outro», etc. Tudo o que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa
3. Relacionar o fundamento religioso da moral cristã com os princípios, valores e orientações para o agir humano. (Comp. 8)	<ul style="list-style-type: none"> • Mal moral e pecado: a dimensão ética e a dimensão religiosa
4. Interpretar criticamente episódios e factos sociais onde se manifeste o mal moral. (Comp. 6)	<ul style="list-style-type: none"> • Manifestações do mal moral no mundo e na vida pessoal: a guerra, os conflitos, a violência física, verbal, a mentira, a injustiça,

	<p>a avareza, a maledicência, a ganância, o ódio, etc.</p>
<p>5. Interpretar textos fundamentais da Bíblia sobre o perdão, enquanto elemento central da mensagem cristã, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 14, 23 e 24)</p> <p>6. Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a mensagem bíblica do perdão. (Comp. 25 e 26)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sir 28,1-7: Perdoar o outro e recusar a vingança • Mt 18,21-35: «Perdoar até setenta vezes sete» e parábola do rei misericordioso e justo
<p>7. Mobilizar o valor do perdão e da concórdia para orientação do comportamento em situações do quotidiano. (Comp. 10)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Etapas para a superação do mal moral e dos conflitos que dele resultam: <ul style="list-style-type: none"> ➢ Estar disposto a aceitar que se errou (a revisão de vida) ➢ Estar disposto a pedir perdão aos outros ➢ Estar disposto a aceitar os outros, apesar dos seus erros ➢ Estar disposto a perdoar ➢ Estar disposto a reparar o mal • Promoção da concórdia nas relações interpessoais

Olhando para a finalidade dos conteúdos, a palavra “mal” prevalece em todos eles, à exceção do último. Assim sendo, surge a questão: será o mal e o bem, um tema para se abordar em contexto escolar? Será pedagógico? Em que moldes?

Da forma que é apresentada e organizada um aluno não crente não teria grande espaço na turma, pois é levado e conduzido a tirar conclusões morais e catequéticas, sendo que, concluo que o objetivo primordial é que o aluno seja capaz de distinguir o “bem do mal”.

Para se distinguir o bem do mal, deveria começar-se por analisar o significado de cada uma das palavras.

Num comum dicionário de língua portuguesa, mal significa tudo o que prejudica, fere ou incomoda, infelicidade, desgraça, calamidade, prejuízo, imperfeição, ofensa, o que está errado...

Bem significa, tudo o que é bom, justo, conforme à moral, virtude, o que proporciona satisfação plena do ser, união de felicidade e virtude....

Sublinhei algumas palavras, porque estão no alinhamento daquilo que tenho estado a tentar demonstrar. Mal e bem estão diretamente ligados a felicidade, a satisfação, a justiça, ao ser perfeito.

A questão fundamental penso eu que seja, é que todo o ser humano se encontra dividido entre as duas, ou seja, há uma “luta” dramática entre o bem e o mal (GS. nº13).

Então mas e o tema global, não é promover a concórdia? O que me parece é que se está a tentar fazer uma catequese sobre o mal e as suas consequências.

Outra questão que poderia surgir aqui é que a primeira e sem dúvida a mais antiga e universal maneira de reagir contra o problema do mal consiste em incriminar Deus, responsabilizando-o. Esta questão surge muitas vezes no nosso dia-a-dia, muitas vezes questionados até pelos alunos. E esta afirmação é a forma mais popular de as pessoas justificarem o seu ateísmo apesar de esta negação ser já uma afirmação a Deus.

Sem dúvida então que esta questão do mal é uma questão de grande envergadura em que, muitas vezes ao tentar explicá-la se corre o risco de cair num mal ainda maior que é “divagar” sobre outras tantas palavras, não esquecendo que nós somos seres humanos e não podemos deixar de nos interrogarmos sobre as coisas. Seria então pertinente falar aqui de

outras questões antes de avançar para as questões do mal moral que é o que faz imediatamente o programa.

A seguir surge-nos a dimensão ética e a dimensão religiosa do mal moral. Sem dúvida que se tivermos alunos a frequentar a catequese nas paróquias vizinhas, eles já têm uma noção do que significa confessar o mal que fizemos, para poder ser perdoados e esta é a dimensão religiosa, pois para os cristão o mal moral que se praticou é também o contrário daquilo que o Deus cristão disse para praticarmos. Sem dúvida nenhuma este é um aspeto importante para refletir, mas não será fácil fazê-lo com crianças em tão tenra idade, e havendo alunos não crentes tinha de ser necessariamente abordado de forma diferente para tornar o tema pedagogicamente pertinente.

Pretende-se em seguida que o aluno interprete fatos sociais onde se manifeste o mal moral, constatando que eles se encontram nos conteúdos aí ligados e julgo também, importantes.

Relativamente à interpretação dos textos da Bíblia que o programa nos oferece, abordarei mais adiante, não deixando desde já, de mencionar que são demasiado catequéticos e pouco abrangentes pois o tema em si é o perdão.

Para terminar, na ultima operacionalização a expressão que prevalece nos conteúdos é “estar disposto a”. Porque será? Este estar disposto, não é mais do que estar disposto ao amor. Concórdia é promover o amor, é promover o bem, é promover a liberdade, é promover a felicidade. Todos os dias um professor deve promover a concórdia.

Para tal, as palavras mais utilizadas (mal, pecado e perdão) deveriam ser substituídas talvez pelas palavras: bem, paz, justiça, solidariedade. Assim talvez a unidade letiva ficasse carregada com mais luz, e talvez seja esse o melhor apoio e o novo pensamento que conseguisse superar tendências em ordem ao bem comum pois é esse que está na base de toda a verdadeira educação para a paz⁴³, não esquecendo que o reto uso da liberdade é um ponto central na promoção da justiça e da paz, que exigem a cada um o respeito por si próprio e pelo outro sendo que é desta atitude que derivam todos os elementos que dão conteúdo à paz e à justiça, são eles a confiança, o dialogo, o perdão e a caridade⁴⁴.

⁴³ Bento XVI – Dia mundial da paz, 2013, nº6

⁴⁴ Bento XVI – Dia mundial da paz, 2012, nº3

1.4 - Fundamentação, leitura crítica e considerações acerca dos temas desta unidade letiva:

1.4.1. - “A Liberdade humana”

O primeiro tema apresentado no manual do aluno é a “liberdade humana”. Este tema sublinha especialmente que o ser humano, para ser livre tem de avaliar, julgar e fazer escolhas⁴⁵. Para que isto aconteça, necessita de pensar e posteriormente agir, não esquecendo que tem de agir responsabilmente pois, de tudo o que faz, haverá consequências, e a maioria das vezes essas consequências implicam “outros”, ou seja, é necessário ter em conta o bem comum e a liberdade dos outros.

Podemos constatar isto mesmo todos os dias, nas nossas relações com os outros, com os vários grupos e tipos de pessoas, com a sociedade em geral pois, “*não nascemos com uma liberdade sem bagagens, não nascemos livres de todo o peso, de todo o passado, de toda uma história*”.⁴⁶

Só na liberdade é que o homem se pode converter ao bem, contudo hoje a liberdade é mal entendida, é usada como a licença de fazer seja o que for e a maior parte das vezes para o “bem” do próprio, não sendo por vezes o “bem” no sentido correto da palavra.

Neste ponto, teria de ser feita uma abordagem diferente à liberdade, de forma a que, as crianças e adolescentes compreendam o que é necessário, para fazer um uso bom e consciente da liberdade tendo em conta que este é o reto caminho através da responsabilidade da sua própria educação para a justiça e paz entre os seres e o mundo⁴⁷.

Assim, “*para ser livre, a dignidade humana exige que o homem proceda segundo a sua própria consciência e por livre adesão, ou seja movido e induzido pessoalmente desde dentro e não levado aos cegos impulsos interiores ou por mera coação externa*” (GS. nº17). Concluindo, o homem só atinge isto quando a sua tendência se inclina para o fim que é o “bem”.

⁴⁵ LOGOS - *Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*. Editorial Verbo, 1991.

⁴⁶Ricoeur, Paul *O conflito de interpretações. Ensaios de hermenêutica*. Paris 1969, pág.275

⁴⁷ Bento XVI – Dia mundial da paz, 2012, nº2

Senão, olhemos então para a tradução (talvez comparando as parecenças) do dicionário, da palavra “liberdade”: *“é a condição do ser que pode agir livremente, isto é, consoante as leis da sua natureza, da sua fantasia, da sua vontade (decisão livre); poder ou direito de agir sem coerção ou impedimento, poder de se determinar a si mesmo, em plena consciência e após reflexão, e independentemente das forças interiores de ordem racional; tolerância; ousadia; licença; franqueza”*⁴⁸.

O fato é que o homem usa a sua liberdade para destruir a natureza e a própria humanidade. Foi a liberdade do homem que colocou milhares de seres humanos nos campos de concentração, é essa mesma liberdade que conduz aos massacres, às guerras, à fome, à morte de crianças inocentes e estes são o melhor exemplo do mau uso da liberdade humana, porque o ser humano ainda não se apercebeu que a liberdade serve para edificar e não para destruir, o homem ainda não percebe que *“ter liberdades não é o principal, ser livre é que é decisivo”*⁴⁹ e é muito diferente o “ter” e o “ser” pois a *“liberdade é um modo de ser no entanto requer ter liberdades, se assim não fosse seria o vazio”*⁵⁰.

O ser humano não se pode deixar levar por estas novas correntes da cultura moderna que, em nome da liberdade, alienam das suas raízes transcendentais o conceito de justiça ou então separam-no do conceito de caridade e solidariedade⁵¹ e para se falar de plena liberdade tem de estar ligada ao conceito de justiça que tem como finalidade o bem e a paz. Paz esta que nasce da justiça de cada um, sendo que neste aspeto, é preciso que a criança em fase de crescimento e em concreto nesta fase cultive o gosto pelo que é justo e verdadeiro⁵².

Ainda na linha do sofrimento, dor e morte que referi anteriormente, a liberdade humana é a condição fundamental para a descoberta cristã do significado dessas palavras, pois essa liberdade só é compreendida em Jesus Cristo, pois é nele que encontramos a plena liberdade, a plena realização da vida, sendo que Ele derrubou todas as barreiras da liberdade humana.

⁴⁸Dicionário de filosofia, António Lobo, Pág. 99 e *Dicionário de Português*, Porto Editora, 1994. Pág.867

⁴⁹VIDAL Marciano, *Dicionário de Moral. Dicionário de ética teológica* Dicionários EPS. Pág.374

⁵⁰ Ibidem. Pág.374

⁵¹ Bento XVI – Dia mundial da paz, 2012, nº4

⁵² Bento XVI – Dia mundial da paz, 2012, nº5

Com Jesus conseguimos encontrar a plena liberdade pois, “*ser livre é o eu, antecipar-se à sua queda, antecipar-se às ameaças violentas, à violência em si.*”⁵³

Portanto “*é a fé que permite a cada um exprimir, do melhor modo, a sua liberdade, por outras palavras, não é mais livre e mais realizado aquele que se manifesta contra Deus*” (FR nº13), na verdade, como poderia ser considerado um uso autêntico da liberdade se se fecha à revelação, ou se recusa a abrir à verdade da entrega e amor a Deus.

1.4.2. – “O agir moral”

O segundo tema é o “agir moral”. No que se refere a este texto, chego á conclusão que utiliza fundamentalmente a premissa “faz o bem evita o mal”, e isto é o que significa, agir segundo a moral e os valores.

Neste ponto dever-se-ia ter em conta também a questão dos valores. Mas, que valores? Da sociedade? E já agora quais são os fundamentais para tratar aqui?

O agir moral tem como finalidade a procura do bem, mas o que é o bem? E o que é o mal? Em que ponto se interligam? Quando termina o bem e começa o mal?

A moral de Santo Agostinho qualifica “a bondade ou maldade das ações e omissões humanas segundo a orientação para a felicidade, para a realização plena do ser humano”.⁵⁴

Marciano Vidal diz também que “*a ideia de agir moral constrói-se a partir da psicologia e da sociologia, e envolve toda a riqueza da dimensão ética da pessoa, ficando integrados os sentimentos, os princípios ou critérios, as decisões ou tomadas de posição*”⁵⁵.

Depois disto, podemos então compreender que “*o agir moral cristão é uma compreensão mais radicalizada do agir moral*”⁵⁶ sendo este, posteriormente, o caminho para nesta unidade letiva virmos a poder falar de pecado, perdão e misericórdia de Deus, porque o papel da confissão é sem dúvida, o afastamento do mal, por parte do homem. *Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e purificar-*

⁵³ LEVINAS Emanuel, *Totalidade e infinito*. Lisboa Edições, 70, 2008, pág.235

⁵⁴FLEXA ANDRÉS, José Román. *Teologia Moral Fundamental. Sapientia Fidei, série de manuales de teologia*. Biblioteca de autores cristianos. Madrid, 1997, Pág.49

⁵⁵VIDAL Marciano, *Dicionário de Moral. Dicionário de ética teológica* Dicionários EPS. Pág.43

⁵⁶ Ibidem. Pág.44

nos de toda a iniquidade (1 Jo 1,8-9), outro exemplo, nisto conhecemos que somos da verdade e tranquilizaremos os nossos corações diante d'Ele, sabendo que, se o nosso coração nos condena, Deus é maior que os nossos corações e conhece todas as coisas (1 Jo 3,19-20).

Neste contexto do agir moral, teria de ser muito mais reforçada a importância da ação do ser humano, ação justa, ação existencial, ação responsável, ação livre. Como se pode falar em agir moral se não se explica o significado de ser justo e justiça, que segundo Levinas é diferente de ser bom.

Para se entender esta questão não basta analisar orientações gerais, é necessário que se concretize numa realidade particular e concreta e neste aspeto interligado com os princípios da ética, ou seja, devem-se entender como indicações de valor que sejam postos em prática numa situação concreta⁵⁷.

1.4.3. – “A desconfiança e o medo”

Como terceiro tema surge o título: “a desconfiança e o medo”.

Partindo de uma interpretação minha, este título tem como finalidade mostrar-nos, que são os nossos medos e desconfianças pelos outros, que fazem com que haja rutura no relacionamento entre o ser humano. Da forma como começa o texto inicial⁵⁸, tudo isto representa uma manifestação do mal.

Sendo assim, concluiria que talvez fosse melhor sugerir outro título, por exemplo: “Ruturas no relacionamento humano”. Penso estar mais de acordo com o tema principal da unidade letiva em questão.

Ao mencionar desta forma é inevitável falar de sofrimento humano pois também os medos e as desconfianças causam no fundo o sofrimento da pessoa e porque também, é “*na fraqueza e sofrimento que sobressai e se descobre o poder de Deus que supera a nossa fraqueza e o nosso sofrimento*”(LF nº 56).

⁵⁷ Ibidem, pág. 517

⁵⁸ O texto inicial na página 122 do manual do aluno do 5º ano começa desta forma: “*agir mal significa comprometer a relação com os outros.*”

O ser humano é um ser em relação, em relação com os outros, como já mencionei diversas vezes anteriormente, e logo aqui, esta afirmação conduz-nos à palavra “fraternidade” e, da pertinência da “fraternidade”, surge também a “solidariedade”. Ser solidário com os que sofrem faz com que recordemos que o serviço da fé é sempre um serviço de esperança que nos faz olhar em frente, *“sabendo que só a partir de Deus, é que a nossa sociedade pode encontrar alicerces sólidos e duradouros”* (LF nº 57). Mais ainda, se tivermos em conta que somos irmãos uns dos outros, os irmãos preocupam-se uns com os outros e sendo cristãos ainda se torna mais envolvente pois, por “vocação” os cristãos são irmãos de todo o ser humano. *“A luz da fé não nos faz esquecer os sofrimentos do mundo”* (LF nº 57).

Sendo assim, o que se impõe ao ser humano, é reconhecer a dignidade de todas as criaturas, não se sentindo acima de tudo e todos, mas “dentro” (implícito) em tudo e todos. Se isto acontecesse não haveria futuras, pois unia-se a fé com a esperança e a caridade.

Na verdade, posso concluir que, não são os nossos medos e desconfianças, pelos outros, que fazem com que haja rutura no relacionamento entre o ser humano, mas sim *“é a vontade de tudo dominar que está a converter o ser humano em dominado e submetido aos imperativos dos outros e de uma terra degradada”*⁵⁹, degradada pelos medos, pelas desconfianças, pelos desentendimentos e pelo mal moral e pecado que por sua vez é o próximo título do manual do aluno.

Neste aspeto ainda, acharia pertinente aqui, destacar o papel dos meios de comunicação e o seu papel nas “desconfianças e medos” que colocam diariamente ao ser humano, sentindo-nos muitas vezes bombardeados com tantas e tantas situações.

1.4.4. – “Mal moral e pecado”

No que se refere ao título, “mal moral e pecado”, o manual do aluno afirma que o mal moral é quando sofremos as consequências por termos agido contra os valores e os princípios morais (consciência). Logo de seguida explica que quando agimos assim é mau

⁵⁹ L. Boff. *Ecología, grito de la Tierra, grito de los pobres*, Madrid, 1966. Pág.27

para nós e muitas vezes para os outros, sendo que, a esta rutura com os outros a Igreja chama, pecado.

O mal é acima de tudo a traição ao amor, ou negação ao amor.

Assim, é um fato constatado que a falta de consciência de pecado, de traição e negação ao amor é um drama dos nossos tempos.

O homem de hoje tem uma visão distorcida o amor, aos olhos dele, “*parece que a questão do amor não tem nada a ver com a verdade, o amor surge, hoje, como uma experiência ligada não há verdade, mas a mundo inconstante dos sentimentos*”(LF nº 27). O amor não se pode reduzir a um sentimento que vai e vem, tem a ver com a nossa afetividade mas para nos abrimos á pessoa amada, logo tem necessidade da verdade pois só assim consegue perdurar. “*Amor e verdade não se podem separar*”(LF nº 27).

Como já afirmei anteriormente, ainda que noutra contexto, o homem de hoje afronta-se constantemente com situações de injustiças, guerras, fome, conflitos de interesses, sendo capaz de se indignar com todas estas situações mas ainda assim, “empurra” sempre a culpa para os outros, não sendo capaz de ver o mal em si, não assumindo que é pecador, mas afinal o que quer tudo isto dizer? Será que já não é importante o ser humano ter consciência do mal? Parece assim, que tudo se pode fazer, pensar, dizer, parece que não há referência ao bem e ao mal no coração.

É uma temática importante mas teria de ser mais fundamentada, isto é, os alunos devem aprofundar e saber que a experiência do mal é um enigma havendo no homem de hoje muita confusão entre diversos termos como pecado, sofrimento e morte, que erradamente os tomam por sinónimos.

Assim, “*mal moral (pecado na linguagem religiosa) designa o que faz da ação humana um objeto de imputação, de acusação e de censura*”⁶⁰. É nesta censura que o mal interfere com o sofrimento pois a censura designa o juízo de condenação em virtude do qual o auto da ação é declarado culpado e por isso merece a punição, sendo esta sofrimento que se inflige. Assim, sofrimento e mal são distintos, pois o mal moral é produzido pela ação do homem e o sofrimento é por ele recebido podendo ter outras causas que não a ação humana.

⁶⁰ António de Oliveira Fernandes, *Paul Ricoeur, Sujeito e ética*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1996, pág. 281

É por causa destas ligações estreitas que existem entre estes fenómenos que se pensa o mal como sendo a raiz comum do pecado e do sofrimento.⁶¹

“Por um lado, a punição é um sofrimento físico ou moral que se junta ao pecado e que leva a culpabilidade a poder ser considerada como uma pena... por outro lado, uma das causas principais do sofrimento é a violência que os homens exercem uns sobre os outros. Fazer o mal é... fazer com que os outros sofram”⁶².

Na perspectiva de Ricoeur não se pode tratar o tema do mal apenas especulativamente pois ele implica uma convergência entre o pensamento, a ação e uma transformação espiritual dos sentimentos. Ao nível do pensamento temos de ter em atenção o agir e o sentir, ao nível da ação, o mal é o que não deveria ter existido e deve ser combatido⁶³.

1.4.5. – “Promover a concórdia”

É mesmo no final da unidade letiva, que aparece um título igual ao tema, e usa o seguinte alinhamento: apresenta o livro de Ben Sira, para dizer que de entre os livros do Antigo Testamento é considerado o mais rico em ensinamentos práticos⁶⁴, tendo em conta que o texto que apresenta é sobre o perdão, em seguida apresenta o livro de S. Mateus, com “o homem que não sabia perdoar”⁶⁵, sublinhando as palavras “perdoar até sete vezes” terminando a afirmar que sete é número simbólico e quer dizer perfeição e por isso deve-se perdoar sempre⁶⁶. No “finalzinho” então, surge uma “minúscula” observação à importância do ser humano promover a paz, o perdão (reparando o mal) e à concórdia.

Este foi o pequeno resumo que eu encontrei deste título final.

Sinto que falta aqui tanta coisa. Então e o “amor-próprio” para nos podermos “dar aos outros”? O ser humano, ao ser sensível em perdoar, é o mesmo que ser sensível ao amor pelo outro.

⁶¹ Ibidem, pág. 282

⁶² Ibidem, pág. 283

⁶³ Ibidem, pág. 286 e 287

⁶⁴ Cf. SNEC. *Caminhos de encontro. 5º Ano. Manual do aluno. Educação Moral e Religiosa Católica*. Pág.139

⁶⁵ Ibidem. Pág.141

⁶⁶ Esta é praticamente a transcrição das palavras que estão a “negrito” nos textos que o manual apresenta para desenvolver este assunto.

Também não posso esquecer que “*só uma coisa é intrinsecamente boa, o amor e nada mais; a norma última das decisões cristãs é o amor e nada mais; amor e justiça são a mesma coisa, pois a justiça é o amor distribuído; o amor deseja o bem do nosso próximo, gostemos ou não...*”⁶⁷.

Como se consegue promover a concórdia sem se aprofundar o tema do “bem”? No contexto da moral cristã este é primordial pois quem se encontra no caminho do bem, já se aproxima de Deus, já está sustentado pela sua ajuda (LF nº 35).

Concluindo, o tema em si, deu-me a sensação de vazio, da ausência em destacar a importância de alguns valores, valores estes fundamentais, para chegar à concórdia.

Assim, para conseguirmos mostrar aos alunos que o tema da concórdia é um pulsar de coração e da inteligência que nos une e realiza é fundamental na minha opinião, falar em justiça, liberdade, memória, responsabilidade e igualdade. Só aprofundando estes valores a unidade consegue ganhar consistência e atingir os objetivos a que se propõe.

No que concerne à justiça, igualdade e responsabilidade Paul Ricoeur na sua obra, podia ser um bom contributo para abordar e desenvolver este tema. Nele a justiça é considerada em relação com a conceção de bem e de lei, importante para a construção da humanidade. Por outras palavras, haver igualdade entre o ser humano é um cliché, pois nem sempre o que é justo é bom nem o que é bom é justo, por isso é que entre justiça e ética se interpõem as leis.

As pessoas desejam constantemente a justiça, para si, para a sua vida, contudo a palavra que mais usam é a “injustiça”, sendo a primeira expressão do nosso sentido de justiça⁶⁸ e servindo para reivindicar a não igualdade e até mesmo a repartição justa.

Assim, a justiça é objeto de desejo e faz parte da aspiração a viver bem⁶⁹.

Quanto às desigualdades na distribuição, Paul Ricoeur afirma que “*já Aristóteles tinha tentado resolver este problema, distinguindo a igualdade proporcional da igualdade*

⁶⁷FLEXA ANDRÉS, José Román. *Teologia Moral Fundamental. Sapientia Fidei, série de manuales de teologia*. Biblioteca de autores cristianos. Madrid, 1997, Pág.180

⁶⁸ RICOEUR, Paul. *A crítica e a convicção*. Biblioteca de filosofia contemporânea, edições 70, 1995. Pág.166

⁶⁹ RICOEUR, Paul. *O justo ou a essência da justiça*. Editora Piaget, coleção pensamento e filosofia, 2007. Pág. 26

aritmética, divisão justa e proporcional entre as partes, sendo que o tipo de igualdade própria da justiça é a proporcional, ou seja, a igualdade nas relações entre partes.”⁷⁰

Antropologicamente, com o seu contributo adquirimos diversas observações e consolidações contra a violência e a injustiça e facilmente concluímos que isto só se consegue com o contributo de todos, quer sejam católicos ou não, e isso é importante também para a disciplina de EMRC que não tem necessariamente de ser frequentada, nem é, apenas por alunos católicos.

Outro aspeto importante é que, a Igreja não é “dona” da justiça, a sociedade justa deve ser realizada pela política. Porém, *“toca á Igreja e profundamente, o empenhar-se pela justiça, trabalhando para a abertura da inteligência e da vontade ás exigências do bem”*(DCE nº 28a).

Esta é uma responsabilidade de todos, da política, da sociedade, mas uma responsabilidade no sentido de prestar contas a quem as exige. Procuramos muitas vezes a responsabilidade do lado da capacidade de responder, mas não é este o lado mais correto⁷¹, pois é preciso prestar contas e ser capaz de assumir as consequências pelos atos⁷².

A questão fundamental é entender o termo justiça na sua essência pois, se assim for, damo-nos conta que a justiça busca promover a paz, a solidariedade e a cooperação social, garantindo a prática da tolerância.

1.5 - Promover a concórdia é um problema social

Interrogação ou afirmação?

A concórdia é um problema real para a nossa sociedade, mas não diretamente, ou seja, está por detrás de diversos problemas sociais.

O que quero dizer com isto, é mais fácil exemplificando: quando abordamos o problema da paz, entre os homens, entre os países, a concórdia está implícita, pois não existe paz se houver discórdia entre o ser humano. Quando uso o exemplo da paz, poderia usar

⁷⁰Ibidem, pág. 71

⁷¹RICOEUR, Paul. *A crítica e a convicção*. Biblioteca de filosofia contemporânea, edições 70, 1995. Pág.167

⁷²Ibidem, pág. 168

outro qualquer, o mal, a liberdade, o sofrimento, a evolução, a criação, etc., mas o melhor exemplo será sem dúvida, o “problema social do amor”.

O amor é dom, é acolhimento, é pobreza, é humildade, é dependência. Está por detrás de tudo, mesmo que seja, na falta dele.

Concórdia é promover o amor, é promover o bem, é promover a felicidade pois, “*ser feliz é a aspiração de todo o ser racional finito, é o conjunto de perspectiva e de todas as intenções no desejo de viver bem*”⁷³.

Contudo, a sociedade está em constante evolução e, como podemos constatar diariamente nos meios de comunicação social, nem sempre evolui rumo ao bem ou à felicidade, ou ao “moralmente correto” e isto, acontece muitas das vezes, porque o homem, nem sempre coloca as questões (problemas) numa balança, para poder olhar para os dois lados e ver o que pesa mais, sendo que a maior parte das vezes, há desequilíbrio e prevalece o critério económico, político e principalmente, como é moda dos tempos de hoje, o dos interesses, levando o homem ao desespero, ao sofrimento. Sofrimento este, que se traduz, na falta de capacidade do homem acolher o “outro”, acolhê-lo como irmão, o que implica uma aceitação amorosa e amiga, amando-o como é, não como gostávamos que fosse.

Por outro lado, ao olharmos para a nossa vida, reparamos que o sofrimento faz parte integrante do nosso dia-a-dia. Cada um de nós já se confrontou com o sofrimento, na própria vida ou daqueles que nos rodeiam, e é nessa mesma altura que surge o nosso “grito de revolta”: “*porque me abandonaste Senhor?*”(Mc. 15,34). Isto é a má compreensão do sofrimento, que por sua vez leva ao afastamento de Deus, sendo que o ser humano não consegue compreender pois não foi feito para o sofrimento.

Pensa-se que o sofrimento leva à ausência de liberdade mas, não é bem assim pois mesmo o homem pelo sofrimento se tornar não-livre não deixa de ser livre na mesma, pois faz parte da essência da pessoa humana⁷⁴.

⁷³ António de Oliveira Fernandes, *Paul Ricoeur, Sujeito e ética*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1996, pág. 273

⁷⁴ LEVINAS, Emanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa Edições, 70, 2008, pág.236

Revelando a sede interior de felicidade que habita em cada ser humano, o sofrimento manifesta-se como uma privação, ele ultrapassa todas as capacidades da compreensão humana, desarmando e ultrapassando o homem⁷⁵.

Se olharmos para o nosso país, neste preciso momento, não encontramos os homens em paz. As suas consciências estão pesadas e preocupadas com mil e uma questões, e quase todas giram à volta da economia, ou melhor, da falta dela. Como podem estar os homens em paz se não reina a paz na terra onde habitam? Terra esta, dada por Deus, para o homem nela se concretizar, como ser à imagem de Deus, em constante busca da felicidade. Mas, o sofrimento é a presença mais constante e por sua vez perturbadora na vida humana, trata-se de, como diz o Papa João Paulo II de, *“um tema universal, que acompanha o homem em todos os quadrantes da longitude e da latitude terrestre”*.⁷⁶

Esta felicidade, poderia, no nosso contexto social traduzir-se em concretização, pois o homem estabelece fins, que pretende concretizar ao longo da sua vida. Por outras palavras, o homem quer-se concretizar enquanto homem, na sua vida social, familiar, económica e pessoal, o que não quer para si é ser infeliz, não ter dinheiro e morrer.

Neste mundo em que parece que, só interessam as coisas mundanas, o homem tornou-se agnóstico e ateu, facilmente se ouve a expressão “não preciso de Deus ou da Religião para viver e ser feliz e para me concretizar enquanto pessoa”, esta é uma temática do “só eu interesse”, “eu não preciso dos outros para ser feliz”, ou seja, a não necessidade do outro, mas como sabemos *“a eliminação de Deus também não explica o sofrimento nem mitiga a dor.”*⁷⁷

Sendo assim, podemos afirmar que a nossa história avança através de conflitos de interesses, de classes, de raças, de povos, ou seja, no final de contas, através da dor e do sofrimento⁷⁸.

Deus não criou o homem sozinho. Logo desde o início da criação, criou homem e mulher (Gen.1,27), e foi esta união que constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas,

⁷⁵ João Paulo II, *O sentido cristão do sofrimento humano*, 4ª edição, Editorial A.O. Braga, 1996, pág.2

⁷⁶ Ibidem. Pág.3

⁷⁷Jurgen MOLTSMANN, *trinité et royaume de Dieu*, trad. M. Kleiber, paris, 1984, página 70.

⁷⁸ Cf. Teixeira, João António. *Grão de Mostarda*. Pág.43

“pois o homem por sua natureza é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros”(GS n ° 13).

Neste contexto, poderia afirmar que este sofrimento do ser humano, atinge de tal forma tão grandes proporções que se questiona profundamente o próprio sentido da vida, ou seja, criados para ser felizes, ou criados para sofrer? Aqui surge também habitualmente, ou até se se pode dizer tradicionalmente, as questões, “porque é que Deus não intervém? Porque não protege as pessoas? Se há Deus, porque é que há sofrimento?”⁷⁹Porque sofro eu e não outros? Porque sofrem as crianças inocentes? Porquê este excesso de sofrimento que parece existir no mundo?⁸⁰

Ao tomar consciência do sofrimento, o homem tende a perder a confiança em Deus, pois nenhuma sabedoria superior o consegue tranquilizar.⁸¹ Contudo, sendo o homem um ser livre por natureza, Deus não pode interferir na sua liberdade, o que quer dizer que, e concluindo, o homem é que gere erradamente a sua liberdade, interferindo com a liberdade dos outros, o que provoca a rutura da harmonia e concórdia, criando por sua vez o conflito que vai gerar a dor e o sofrimento.

São estas interrogações, este como que pedir contas a Deus, que caracteriza o início do estado de sabedoria, porque *“ao considerar que todo o sofrimento é merecido porque corresponde a uma punição devida a um pecado, o estado da sabedoria distingue o sofrimento do mal moral...”*⁸²

De fato, nada parece mais *“incompatível com Deus do que o mal, o sofrimento. Por um lado, a experiência quotidiana dificilmente dá conta da presença de Deus no sofrimento. Por outro lado, os antigos sistemas de pensamento não admitem a presença do sofrimento de Deus”*⁸³.

Não poderia esquecer também de referir que é este mesmo sofrimento que acaba por ser uma oportunidade que o homem tem para se auto compreender melhor e reorientar a sua

⁷⁹ Cf. Teixeira, João António. *Grão de Mostarda*. Pág.104

⁸⁰ António de Oliveira Fernandes, *Paul Ricoeur, Sujeito e ética*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1996, pág. 284

⁸¹ Cf. Teixeira, João António. *O sofrimento e a trindade*. Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemática. U.C.P. Lisboa 1995, pág.12.

⁸² António de Oliveira Fernandes, *Paul Ricoeur, Sujeito e ética*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1996, pág. 281

⁸³ Cf. Teixeira, J.A. *Crónicas. Grão de mostarda*. Multinova 2001. Pág.44

vida, ou seja, *“na doença, o homem experimenta a sua incapacidade, os seus limites, a sua finitude. Qualquer enfermidade pode fazer-nos entrever a morte.”*⁸⁴

De referir também ligado a este aspeto a carta encíclica do Papa Francisco, onde refere que, os que sofrem são mediadores de luz para os homens e mulheres de fé (LF nº 57).

Não tenho assim dúvidas de que, estando todas estas questões implícitas, este torna-se um tema e uma questão social de extrema importância, pois falar de tudo isto é falar de condição humana.

⁸⁴ Catecismo da Igreja Católica, 1500.

2 – Contributo de Johann Baptist Metz para a compreensão de uma cultura da memória do sofrimento humano

O trabalho de Johann Baptist Metz é caracterizado por uma mudança ocorrida na segunda metade dos anos sessenta: a passagem de uma teologia transcendental para uma teologia política.

A sua formação filosófica e teológica caracteriza-se pelos trabalhos de doutoramento: em filosofia sobre Heidegger e a metafísica e em teologia, segundo o pensamento de S. Tomás de Aquino sob orientação de Karl Rahner.

O seu pensamento teve diversos percursos: inicialmente foi marcado por uma aceitação geral dos impulsos modernos; na segunda etapa, concentra-se em elaborar uma nova teologia política, e por fim numa terceira etapa, virada para uma hermenêutica da tradição de fé, orientada para a ação perante a história moderna de liberdade.

Como alemão que é, aos dezasseis anos de idade, foi retirado à força da escola para ingressar no exército, no final da segunda guerra mundial, tendo tomado “parte integrante” da história do grande holocausto, facto que marcou a sua vida profundamente e também a sua teologia e retórica.

Inspirador da teologia da libertação pela sua reflexão sobre a teologia política, que abordarei em concreto mais adiante, afirma que o Catolicismo deve entender a libertação como sensibilidade ao sofrimento dos outros⁸⁵.

Alguns dos conceitos mais importantes das suas obras são: a memória, o sofrimento, a solidariedade e a narrativa⁸⁶.

Estamos assim perante um autor, uma corrente de pensamento e uma tradição teológica que podem oferecer muitos subsídios para repensar de fundo o tema que abordei, pois esta é também uma corrente que oferece alguns contributos para repensar hoje, a tarefa da evangelização.

⁸⁵ A questão do sofrimento é uma das centrais nas suas obras. Constató isso, no ponto a seguir.

⁸⁶ M. Omar Ruz; G. Rosalino; C. Schickendantz. “*La fuerza subversiva del sufrimiento evocado*” REVISTA TEOLOGIA – Tomo XLVI, Nº100. Dezembro 2009. Pág. 29

Os contributo de Metz surge aqui, no contexto da necessidade de uma conciliação da memória, do ter necessidade de aprendermos com o passado, em haver referencias que nos ligam ao passado e às experiencias vividas pelos que nos deixaram o seu legado, mas também na sua reflexão no que respeita á misericórdia e compaixão.

Já Bento XVI afirmava: *“tal como o agir, também o sofrimento faz parte da existência humana”*(SS nº26) e é por isso que é preciso fazer todos os possíveis para diminuir o sofrimento no mundo, sendo que isso se consegue com a atitude de promover a concórdia.

Metz oferece a perspectiva do sofrimento que causamos a nós e aos outros, quando não praticamos a concórdia, a justiça, a responsabilidade e a solidariedade, na linha de que o homem necessita de um amor incondicionado e não do ódio e sofrimento, *“pois certamente é preciso fazer tudo o possível para diminuir o sofrimento... dever da justiça e da caridade”* (SS nº 26).

Para se compreender a importância da concórdia é preciso falar no que acontece se ela não existir e nada melhor do que falar na memória do sofrimento pois *“não é a evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido”*(SS nº 37).

2.1- O sofrimento alheio. Ser solidário com os que sofrem.

*“A necessidade de deixar que o sofrimento fale com eloquência é condição de toda a verdade”*⁸⁷. Esta afirmação, diz Metz, declara falsas todas as pretensões de validade universais que tenham o seu ponto de partida à margem da história humana do sofrimento. Por outras palavras, a insensibilidade ao sofrimento justifica a pretensão do primado da razão em tempos de pluralismo⁸⁸. É também neste sentido que se entendem algumas afirmações provocadoras como por exemplo: *“a ética global não é resultado de uma votação nem fruto*

⁸⁷*Dios y tiempo*, pág. 207 e também podemos encontrar em *Memória passionis*, Págs. 60, 214.

⁸⁸*Memória Passionis*, Pág. 214

*de consenso” ou “a democracia baseia-se no consenso, a ética da democracia, apoia-se sobretudo na memória”*⁸⁹.

A memória do sofrimento alheio, da história da paixão dos homens como “única macro narração que continua tendo vigência”, refere-se a uma memória que questiona a identidade firme e segura, ou seja uma memória perigosa que debilita e deixa brechas abertas.⁹⁰

Por sua vez, afirma Metz que a memória dos que sofrem dá à Igreja e à vida política uma nova forma de imaginar a dor alheia.⁹¹ Foi esta perda da sensibilidade ao sofrimento que se converteu, segundo o autor, numa crise de apatia perante o sofrimento, mesmo dentro do cristianismo, que apesar de o entender, á luz da fé, assume-o como de natureza secundária⁹².

Destaco a seguinte afirmação: *“desde bem cedo o cristianismo perdeu a sua elementar sensibilidade para com o sofrimento. A pergunta que inquietava as tradições bíblicas sobre os que sofriam injustamente foi com muita rapidez modificada e transformada na questão da salvação dos culpados. Desta maneira julgou a teologia poder retirar ao cristianismo o agulhão da pergunta da teodiceia. A questão do sofrimento caiu num círculo vicioso soteriológico. De uma religião sensível primariamente ao sofrimento, o cristianismo transformou-se numa religião com sensibilidade para o pecado. O primeiro olhar deixou de dirigir-se para o sofrimento da criatura e voltou-se para a sua culpa. Isto tolheu a sensibilidade elementar para o sofrimento alheio e obscureceu a visão bíblica da grande justiça de Deus, que segundo Jesus, deveria voltar-se para toda espécie de fome e de sede”*.⁹³

De Barth a Jungel, de Bonhoeffer a Moltmann e principalmente em Urs Von Balthasar, fala-se de que Deus sofre, e também de sofrimento em Deus.

⁸⁹ Ibidem. Pág. 188 e 200

⁹⁰ *Esperar a pesar de todo*. Pág. 50

⁹¹ *Memoria passionis*. Pág. 128

⁹² *Memoria passionis*. Pág. 82

⁹³ J.B. Metz, *“Deus e os males deste mundo, A esquecida mas inesquecível Teodiceia”*. CONCILIUM – *Um novo apocalipse: O retorno das pragas*. Editora Vozes, 273 – 1997/5. Pág. 13

Metz não está de acordo. Para ele, a raiz do sofrimento é tudo menos uma compaixão solidária, não é um sinal de amor, é antes um sofrimento que desemboca no nada quando não se sofre por causa de Deus.⁹⁴

A pergunta pertinente que surge ao falar de sofrimento é então: como pode a teologia de um Deus criador e de um Deus que é amor, como refere S. João (1Jo 4:8, 16), justificar o sofrimento das suas criaturas? O próprio grito de Jesus na cruz, é um grito do abandono de Deus a quem nunca O tinha abandonado. Mas mesmo assim Jesus, filho de Deus permanece fiel, não fugindo ao sofrimento⁹⁵. Na Cruz, ainda que sentindo-se abandonado por Deus (Mt 27,46), Jesus disse sim a um Deus que é bem distinto do eco dos nossos desejos.⁹⁶

A mística bíblico-cristã não é uma mística de olhos fechados, mas uma mística de olhos abertos que nos obriga a ter a mais fina percepção do sofrimento alheio.⁹⁷

Na sua raiz, o sofrer não é ter pena e ser solidário, nem sintonia e expressão de amor, mas é sim, em grande medida, uma prova irrefutável de amor⁹⁸.

Tocando no tema do amor cristão, Metz diz que tem que ser interpretado e posto em prática na sua dimensão social, o que quer dizer que, o amor deve entender-se como compromisso absoluto em prol da justiça, da liberdade e da paz com os outros⁹⁹.

A mensagem de salvação, perdão e reconciliação do Novo Testamento tem como elemento intrínseco a referência à vida pública que Jesus teve até à morte e são essas mensagens que obrigam o cristão a ter uma liberdade crítica no meio em que estão inseridos, política e civicamente na sociedade em que vivem. E olhando para a vida pública de Jesus, foi ele que se apresentou identificado com os mais insignificantes, marginalizados e oprimidos, porque esses também precisavam de ser salvos e Jesus anunciou precisamente a chegada do reino de Deus através do poder libertador de um amor sem reserva.

⁹⁴J.B. Metz, “*Como hablar de Dios frente a la historia del sufrimiento del mundo*”. SELECCIONES DE TEOLOGIA – Nº 130, vol. 33. 1994. Págs. 104 e 105

⁹⁵ Cf. Dios y tiempo. Pág. 130. É desta afirmação que emerge uma mística pessoal na qual, o sim a Deus na história, é concebido como um sofrer por Deus, que no final coincide com o sofrimento do abandono de Deus.

⁹⁶ Memória Passionis. Pág. 37

⁹⁷ Memória Passionis. Pág. 106 e também podemos encontrar a mesma ideia no artigo do teólogo intitulado “*Deus e os males deste mundo, A esquecida mas inesquecível Teodiceia*” que se encontra na Revista Concilium/273 – 1997/5, na página 12.

⁹⁸ Cf. *Esperar a pesar de todo*. Pág. 62

⁹⁹ Cf. Dios y tiempo. Pág. 23

Por isso, é que perante as agressões diretas á mensagem libertadora do evangelho como a exploração, o racismo, a opressão, ou seja, os males do mundo e também o sofrimento, exigem que a fé seja forte e resista ao sofrimento e mudanças do mundo. Por isso é que Metz refere também que se deve falar sempre de Deus, com os olhos postos nas vítimas¹⁰⁰, pois de acordo com o sofrimento, o cristianismo deveria ser uma escola de ver e fixar-se detalhadamente na história sofrida dos homens e a fé, levar os homens a abrirem o seu coração aos outros que tantas vezes nos círculos da história passam por ser ignorados.

Esta é também uma abertura de pensamento em Metz à igualdade do homem numa interpretação moral diferente da interpretação da democracia atual do mundo sobre o sofrimento: que, segundo o mesmo, *“a democracia reclama para si como assunto seu o sofrimento que vá contra a dignidade do homem e do mundo mas não responde à utopia de uma sociedade universal sem sofrimento”*¹⁰¹.

Assim, a proposta teológica de Metz, é a razão anamnética que se deixa determinar pelo sofrimento alheio. Tendo como interlocutor Jurgen Habermas, partilha a busca de uma racionalidade com pretensões universais que sustente a vida comum dos cidadãos, numa sociedade democrática e intercultural.

Neste contexto refere o autor: *“O que acontecerá se um dia os seres humanos não poderem defender-se da desgraça existente no mundo mais que com a arma do esquecimento; se só puderem construir a sua felicidade sobre o implacável esquecimento das vítimas, sobre uma cultura de amnésia segundo a qual, o tempo, supostamente cura todas as feridas? Do que se alimentará então a revolta contra o absurdo do sofrimento injusto e imerecido que há no mundo? De onde virá a inspiração para preocupar-se pelo sofrimento alheio e para a visão de uma nova e maior justiça?”*¹⁰²

Esta nova forma de viver só se alcança quando relacionada com Jesus. É esta sensibilidade à dor, à dor do outro, esta atenção ao sofrimento dos outros, incluindo os inimigos, que nos manterá, homens, com os olhos voltados responsabilmente para a justiça, a solidariedade, a Concórdia e o amor.

¹⁰⁰ Cf. Dios y tiempo. Pág.144

¹⁰¹ Cf. Dios y tiempo. Pág. 218

¹⁰²METZ, Johann Baptist – *Memória Passionis. Una evocación provocadora en una sociedad pluralista*. Sal Terrae, Santander, 2007. Pág. 221

É neste sentido que podemos ver a parábola do bom samaritano, que anteriormente referi, como um chamamento à solidariedade para com as vítimas e os meio-mortos do caminho, mas Metz acrescenta a esta solidariedade a palavra misericórdia e compaixão e aí temos o resultado de, quem afinal é o próximo. Para o autor, ser “o próximo” não é apenas estar presente, pois o sacerdote e o Levita também estiveram presentes, é antes o que teve compaixão, não apenas como simpatia mas, “com paixão” de “padecer com”, numa visão comprometida e participativa perante o sofrimento do outro, memória que leva a aproximar-se da vítima¹⁰³.

Esta parábola obriga-nos, por assim dizer, a pormo-nos no lugar da vítima do assalto, e a vermos por nós próprios, quem é o que se compadece por nós, aquele que é misericordioso, que sai do seu círculo e se inclina sobre o que está abandonado.

Assim, ser solidário com os que sofrem é ter compaixão e misericórdia, é sofrer com eles, que foram ou são vítimas do sofrimento.

2.2 - A Nova Teologia Política

Na segunda etapa do seu pensamento, conforme mencionei no início deste contributo do teólogo, Metz elabora uma *Nova Teologia Política* de âmbito pratico-social, que recusa um cristianismo abstrato. Anos depois com o seu livro *Dios y Tempo*, descreve-a como um caminho desde a teologia transcendental à teologia política.

Para compreender a *Nova Teologia Política* de Metz devemos ter em conta duas fases¹⁰⁴.

A primeira fase entre 1966 e 1969, inspirada na filosofia utópica de Ernst Bloch e no marco do diálogo cristão-marxista¹⁰⁵, que acentua da dimensão futura da fé e a partir da qual

¹⁰³ METZ, Johann Baptist – *Memória Passionis. Una evocación provocadora en una sociedad pluralista*. Sal Terrae, Santander, 2007, pág. 167

¹⁰⁴ M. Omar Ruz; G. Rosalino; C. Schickendantz. “*La fuerza subversiva del sufrimiento evocado*”, REVISTA TEOLOGIA, Tomo XLVI, N°100. Dezembro 2009. Pág. 27

¹⁰⁵ Cf. *Esperar a pesar de todo*, págs. 39-40

desenvolve uma teologia escatológica da esperança¹⁰⁶, em estreita relação com uma tendência teológica da década de sessenta com Moltmann e Rahner.

Neste contexto, abordam-se e analisam-se temáticas como a secularização e a mundanidade do mundo¹⁰⁷. Metz vem assim procurar estabelecer as implicações destas temáticas, fazendo com que *a Nova Teologia Política* se compreenda como uma expressão estratégica e precisa, ou um “corretivo crítico” à falta de contextualização da teologia na história e nas políticas¹⁰⁸. Por sua vez, *a Nova Teologia Política* tenta descobrir uma forma nova de relação entre religião e sociedade, entre Igreja e o mundo, entre escatologia e prática social.

A segunda fase surge a partir de 1969, destacando a importância que teve Walter Benjamin sobretudo em dois conceitos: o regresso ao passado desde o ponto de vista das vítimas, por meio da memória com uma intenção prático-política e a consideração do tempo interrompido para romper o feitiço do progresso¹⁰⁹.

Assume aqui uma atitude mais crítica, que presta mais atenção às consequências negativas deste processo.

Assim e segundo esta última ideia, a teologia política é uma teologia que se baseia na ideia de “interrupção”, ou seja, as preocupações das pessoas dos países do primeiro mundo são muito diferentes das preocupações das do terceiro mundo.

Nos países do primeiro mundo, as pessoas não estão preocupadas com os bens essenciais á vida do homem, preocupam-se sim em lidar com os excessos, consumindo desmedidamente, destruindo assim o mundo e por sua vez o próprio ser humano, o que leva á destruição total da pessoa humana e ao vazio “do ser”.

¹⁰⁶METZ, Johann Baptist – *Teología del mundo. Verdad e Imagen 18*. Ediciones Sigueme. Salamanca, 1970. Págs. 105-126

¹⁰⁷ Ibidem. Pág. 110, em que aborda o primado do futuro como um dos temas mais importantes, ou seja, futuro-esperança-utopia são os conceitos chave desta ligação do teólogo, como ele próprio diz: “*O futuro a que aqui nos referimos, é, em sentido essencial, uma realidade que todavia não existe, mais ainda que nunca existiu: é o “novo” em sentido próprio. A relação com tal futuro não pode ser puramente contemplativa e não pode ser puramente representativa, já que a pura contemplação e a pura representação orientam-se para uma realidade concreta e já existente...*”

¹⁰⁸METZ, Johann Baptist – *Teología del mundo. Verdad e Imagen 18*. Ediciones Sigueme. Salamanca, 1970. Págs. 11-66 e 73-113.

¹⁰⁹M. Omar Ruz; G. Rosalino; C. Schickendantz, “La fuerza subversiva del sufrimiento evocado”, REVISTA TEOLOGIA Tomo XLVI, N°100. Dezembro 2009, pág. 33

A ideia de interrupção em Metz visa despertar as pessoas, que têm uma vida aparentemente confortável, para o sofrimento dos que estão à sua volta, ou seja, os que no seu todo nada têm ou têm muito pouco. É o “estar atento ao outro”, a atitude que na maioria das vezes, só a temos quando nos lembramos dela, que constitui assim as “memórias perigosas”, por exemplo, quando olhamos para situações passadas, essas fazem-nos questionar a nossa consciência e, concluir que estamos aprisionados a mentalidades egocêntricas e egoístas.

É esta teologia política que nos vai libertar das mundanidades da nossa vida e encher o coração em oposição ao vazio do coração.

Foi nesta fase que situou a ideia da memória no centro da teologia integrando a dimensão do passado até então parcialmente desvalorizado. A razão desta mudança dá-se, em parte, pela valorização que Metz faz da história moderna do progresso, passando a temática da história dos sofrimentos para o primeiro plano, sendo o conceito chave *memoria passionis*, fruto também das críticas que se fizeram à *Nova Teologia Política*.

Foi deste modo que o tema da teodiceia se situou por volta dos anos oitenta no centro da nova teologia política¹¹⁰, questionando-se como se deve ou pode falar de Deus, tendo em conta a presença do sofrimento na história da humanidade.

Metz faz assim reaparecer, num novo contexto histórico-cultural e em forma de proposta explicitamente teológica, uma série de perspectivas de Walter Benjamim, tais como o seu conceito de realidade, a sua ideia de messianismo, o conceito de redenção, a sua releitura dos principais temas da modernidade, a sua crítica ao progresso e ciência, a cumplicidade que ele descobre entre progresso e barbárie e, por sua vez, a ideia da memória e a lembrança da história e de todo o sofrimento.

Metz entende e tem consciência que a situação de ser teólogo, que tenta falar de Deus, é como ele chama uma “situação depois de Auschwitz”, pois foi esta a experiência horrível que o marcou pessoalmente e também a teologia.

¹¹⁰METZ, Johann Baptist – *Memoria Passionis. Una evocación provocadora en una sociedad pluralista*. Sal Terrae, Santander, 2007. Pág. 17

Enquanto teólogo, pergunta-se se a teologia, depois desta catástrofe, pode continuar a falar de Deus aos homens da mesma forma, ou, porque é que esta catástrofe, como em geral toda a história do sofrimento humano, continua a interessar tão pouco à teologia?¹¹¹

Assim, o que o move neste aspeto é a atitude apática da teologia e a falta de sensibilidade para a questão da teodiceia¹¹².

Neste contexto, o que o impulsiona é o problema de Deus e o discurso sobre Deus, como grito pela salvação dos outros, dos que sofrem injustamente, das vítimas e vencidos da nossa história.¹¹³

Assim, o centro da teologia em Metz é o problema da teodiceia sobre uma perspetiva política, ou seja, face ao sofrimento injusto dos outros.¹¹⁴

Na opinião do teólogo, o que importa à teologia não é julgar Deus face ao mal e ao sofrimento que há no mundo, mas sim o falar de Deus no enquadramento histórico do sofrimento do “Seu mundo”.¹¹⁵

Esta questão central da sua teologia, é uma questão escatológica, para a qual não se pode ou consegue formular uma resposta reconciliadora¹¹⁶.

A história da humanidade foi sempre história de religião e tendo em conta que em toda a tradição bíblica há uma perceção do mundo atual, a teologia deve recorrer à união entre razão e memória resistindo ao esquecimento para dar um novo rosto à teodiceia.¹¹⁷

¹¹¹METZ, Johann Baptist “*Como hablar de Dios frente a la historia del sufrimiento del mundo.*” SELECCIONES DE TEOLOGIA – Nº 130, vol. 33. 1994, Pág. 99

¹¹² Refere-se aqui ao problema de Deus à vista do sofrimento na história e no mundo.

¹¹³METZ, Johann Baptist “*Como hablar de Dios frente a la historia del sufrimiento del mundo.*” SELECCIONES DE TEOLOGIA – Nº 130, vol. 33. 1994. Pág.100

¹¹⁴ In “*Deus e os males deste mundo, A esquecida mas inesquecível Teodiceia*” que se encontra na Revista Concilium/273 – 1997/5, na página 8, Metz afirma que, para se chegar à complexidade da questão da teodiceia é preciso partir da história de sofrimento do ser humano, mas anulando a distinção entre males físicos e males morais.

¹¹⁵ “Teologia vs Teodiceia – como é que o discurso sobre Deus se relaciona com as experiências dos males, do sofrimento e do mal neste mundo que é o seu mundo? (“*Deus e os males deste mundo, A esquecida mas inesquecível Teodiceia*” que se encontra na Revista Concilium/273 – 1997/5, na página 8).

¹¹⁶METZ, Johann Baptist – *Memoria Passionis. Una evocación provocadora en una sociedad pluralista.* Sal Terrae, Santander, 2007. Pág. 19

¹¹⁷METZ, Johann Baptist “*Como hablar de Dios frente a la historia del sufrimiento del mundo.*” SELECCIONES DE TEOLOGIA – Nº 130, vol. 33. 1994, Pág. 101

No contexto deste aspeto, o teólogo aborda a doutrina Agostiniana sobre a liberdade, nomeadamente o tratado sobre o livre arbítrio, onde faz gravitar a responsabilidade do mal sobre a humanidade e sobre a sua história de pecado.¹¹⁸

Neste ponto, não poderia deixar de referir que, relativamente ao pecado, o autor no seu livro “*Memória passionis*” faz distinção entre sofrimento e pecado, usando o exemplo de Job e a sua desgraça que não têm nada a ver com um suposto pecado, como fracasso perante Deus, pois nesta situação quem sofre é um justo, um inocente, por isso a teodiceia rompe o vínculo do sofrimento com o pecado¹¹⁹.

À parte desta última questão, um dado constatado é que, frente ao sofrimento humano, a teologia inibe-se, não dirigindo a Deus nenhuma interpelação, surgindo como um Deus todo-poderoso, alimentado pelo sofrimento anónimo dos inocentes.¹²⁰

É por isso que o homem se revela contra esse Deus, acentuando que, o problema da teodiceia está na raiz do ateísmo moderno.¹²¹

Se se partir de uma história do sofrimento do ser humano, deixa de se entender, erradamente, a teodiceia, como uma tentativa de justificar Deus face aos males e sofrimentos do mundo, ou seja, reconhece-se que a teodiceia trata da questão de como se pode falar de Deus face à história do sofrimento do mundo que, como já referi, a fé nos diz ter sido criado por Deus.¹²²

Por sua vez, a razão anamnética lembra não tanto o sofrimento e a dor própria, mas sim o sofrimento do outro, ou seja, o discurso cristão sobre Deus. Assim Jesus Cristo não se limita a uma metafísica de salvação, carente de recordações, mas sim, realiza-se através de uma razão dotada de memória, que deve ter em conta o sofrimento.

Então, a mensagem do Deus das tradições bíblicas tem de ser escutada como mensagem de um tempo e mensagem de um tempo que tem prazo. Esta mensagem está

¹¹⁸ Ibidem. Pág. 102

¹¹⁹ *Memoria passionis*, Pág. 41

¹²⁰ Ibidem. Pág. 103. Aqui são usadas como exemplos as “pragas do Egipto” que “provocam”, como é óbvio o sofrimento de inocentes.

¹²¹ Ibidem. Pág. 103

¹²² Cf. “*Deus e os males deste mundo, A esquecida mas inesquecível Teodiceia*” que se encontra na Revista Concilium/273 – 1997/5. Pág. 8

localizada num tempo mediante uma memória de sofrimento em que se narra o testemunho de um Deus como Salvador.

Metz também se refere à oração do cristão, traduzindo-a como súplica, como uma forma de orar a Deus; é o entregar-se à mística de conhecer a Deus, conhecer a lembrança perigosa da mensagem e o caminho de Jesus. É lançar-se na aventura do seguimento, aprender a escutar e a obedecer na oração à Palavra de Deus enquanto atividade.¹²³

2.3- Uma cultura da memória perigosa – Memória de Liberdade

No âmbito do tema que me propus trabalhar, J. B. Metz afirma que se hoje compreendêssemos, como cristãos, o saber olhar os outros com compaixão, como Jesus nos aponta, essa sensibilidade ao sofrimento dos outros, como missão essencial, seria a nossa memória perigosa¹²⁴.

A memória reclama uma razão anamnética, que não reduza o ser humano a um conceito abstrato e sem referência à vertente histórica e social. Contudo não é uma visão e uma memória de tradições, mas sim um amor vivo e solidário para com os outros que pertencem já a um passado marcados pelo sofrimento.

É a respeito da relação do cristão com o seu Deus que Metz fala de “memória perigosa”.

O recurso a esta “razão anamnética”, pretende colocar no centro, não o retorno do momento, mas o recurso à história e àquilo que ela nos ensina, como base numa identidade que permite enfrentar as ilusões. Isto verifica-se, por exemplo, quando o teólogo, afirma que a felicidade dos filhos não repara os sofrimentos dos pais, nem o progresso faz justiça à injustiça que se cometeu com os mortos¹²⁵. É com base na memória, vista como atualização constante da história concreta que Deus constrói com a humanidade, sobretudo pela pessoa

¹²³ *Memoria passionis*. Pág. 111

¹²⁴ *Dios y Tiempo*. Pág.130

¹²⁵M. Omar Ruz; G. Rosalino; C. Schickendantz, “La fuerza subversiva del sufrimiento evocado”, REVISTA TEOLOGIA Tomo XLVI, N°100. Dezembro 2009, pág.32

de Seu Filho, Jesus Cristo, que se faz uma denúncia permanente de todas as falsas divinizações, que nos iludem com felicidades à medida dos nossos desejos.

Neste sentido, Metz diagnostica o nosso tempo como um tempo de amnésia, já que “hoje” predomina o “agora”, isto é, o tempo presente descartou a história que é o que nos dá identidade a partir da relação entre passado, presente e futuro.¹²⁶

Infelizmente constato isto diariamente. Ocorrem-me, neste momento, muitas situações em que, empregando um exemplo simples demais para a pertinência desta questão, uso o termo “antigamente”, ou “na minha adolescência” ou “no tempo dos vossos avós...”, ou outra qualquer frase do mesmo campo semântico que provocam reações nos nossos alunos, reveladoras de que o passado já nada pode dar ao presente. Assim, alguns têm a destreza de dizer: “*professor está sempre a dizer, no seu tempo era assim, era assado, já não estamos no seu tempo... até parece que antes é que era bom*”, e por aí a fora.

Temos de falar do passado, tal como falamos do “agora” de Deus e Jesus, porque falar de Deus, de Jesus significa falar necessariamente do sofrimento associado aos outros e lamentar a responsabilidade omitida e a solidariedade negada¹²⁷.

Mas o que quer dizer o autor com “memória”? A memória é uma lembrança que pode ser perigosa, mas que também é libertadora. É também uma garantia, pois se não houver memória, deixa de haver “histórias” para se dizer e que buscam também elas a liberdade. Muitas vezes são gritos dos outros, outras vezes os seus gemidos que nos obrigam a olhar para o presente e para o futuro de uma outra forma. O tomarem conta a memória, exige-nos uma transformação e uma mudança de rumo na nossa vida, já que, se a ela ligarmos a fé, transforma-se numa responsabilidade universal que é “olhar pelos outros” e o cuidarmos uns dos outros.

¹²⁶ DUQUE, João, *Fé Cristã depois da morte simbólica de Deus*. Revista Humanística e Teologia, Julho 2008, Edição da Faculdade de Teologia, Porto, Pág. 113

¹²⁷ METZ, Johann Baptist – *Memória Passionis. Una evocación provocadora en una sociedad pluralista*. Sal Terrae, Santander, 2007, pág. 111

2.4 – Alegações e contributos para a unidade letiva:

Tendo presente a linha do seu pensamento que já se adivinha em 1968 no seu livro “Teologia do mundo”, onde o sofrimento surge como expressão do amor aos mais pequenos, esquecidos e indefesos. Em 1992, com “Passión de Dios”, Metz concebe o sofrimento como realidade tangível que não necessita de explicações, mas pelo contrário, necessita de solidariedade com os outros. Mais tarde com “Esperar a pesar de todo” (1996) afirma que o sofrimento é o centro da moral cristã, terminando por acentuar com “Dios y tiempo” (2002) e “Memória Passionis” (2007). No primeiro (2002) afirma que o sofrimento será sempre injusto e necessita de um compromisso absoluto em prol da justiça, liberdade e paz, e no segundo livro (2007), o sofrimento é injusto pois não tem nenhum vinculo de causa com o pecado.

Metz é assim um teólogo que abre horizontes para pensar hoje a teologia de outra forma, pois, como pude constatar com o “alinhamento” das suas obras e diversos outros escritos e artigos, Metz criou o seu caminho.

Com este contributo e tantas conclusões, ao abordar o tema promover a concórdia, há aspetos que terão necessariamente de ser afetados.

A começar pela questão da liberdade, que é um direito de todos e, ao sê-lo, também nos torna responsáveis por aqueles que se sentem privados da sua liberdade e que por isso sofrem, como os indefesos e as crianças. Ao não praticarmos esta ação, estamos a desrespeitar os outros, que segundo a mensagem cristã são nossos irmãos e a quem temos de ocorrer às suas necessidade e sofrimentos, enquanto Igreja pois, esse é serviço de caridade (DCE nº19).

Sugiro que olhemos para a história do passado, das guerras, dos horrores em que tantos seres humanos perderam as vidas, a maioria deles, inocentes.

Só não esquecendo a memória destes, se consegue, por sua vez, reconhecer o bem do mal. Bem e mal na sociedade, na política, no ser humano, utilizando para isso valores que levem os alunos a praticar as atitudes mais corretas, não colocando de parte que, *sempre haverá sofrimento que necessita de consolação e ajuda, para o qual é essencial o amor ao próximo, pois o amor será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa* (DCE nº28b).

Quando não temos memórias, ou seja, fontes inspiradoras, não temos exemplos. É o vazio do: eu faço assim/eu quero assim e, por sua vez, do “só eu interesse”, contrário ao que o autor afirma: “dar valor ao outro”, “dar atenção ao outro”, é o ser solidário, é o estabelecer laços, laços de relação, de concórdia, de amor, pois o ser humano necessita de “*amor incondicionado, e é redimido pelo amor*”(SS nº26).

Se não ponho em prática este ensinamento acabo por me tornar numa pessoa má, vazia, vazia de valores, de experiências, de contatos, não tornando meu, o sofrimento dos outros, o que leva ao meu próprio sofrimento.

Neste sentido de, dar atenção e valor ao outro, Metz dá também o seu contributo para a unidade letiva, com a ajuda acima referida, acrescentando acerca da parábola do bom samaritano as palavras compaixão e misericórdia¹²⁸, pois o samaritano foi o que se compadeceu por aquele quase-morto à beira da estrada e num gesto de amor e misericórdia não apenas se aproximou como lhe estendeu a mão, lhe curou as feridas e se comprometeu em tratar dele.

Já que acima referi o termo amor este, surge no seguimento de tudo, pois a proposta cristã para a concórdia, bem como para a vida, é o amor, pois “*o amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida e coloca questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós*”(DCE nº2). É através dele que surgem as memórias e é para ele que elas convergem.

O amor compreende a totalidade da existência e visa a eternidade e a libertação (DCE nº6) e ao amar os outros, estamos a pô-los em primeiro lugar, estamos a recordá-los (dimensão temporal), a ajudá-los e essa é a nossa obrigação enquanto seres humanos e enquanto cristãos e já agora para mim também enquanto professor.

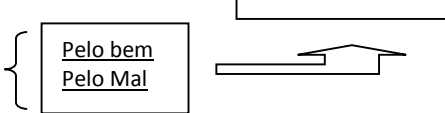
¹²⁸ METZ, Johann Baptist – *Memória Passionis. Una evocación provocadora en una sociedad pluralista*. Sal Terrae, Santander, 2007, pág. 167

3 - Sugestão didática para uma nova unidade letiva sobre: Promover a Concórdia

Face ao exposto anteriormente, com a abordagem e contributo de Johann Baptist Metz e após a minha análise crítica às sugestões do programa de Educação Moral e Religiosa Católica, cumpro-me fazer “uma tentativa” de sugestão dos conteúdos a abordar, segundo a minha visão do tema.

O resultado do esquema que apresento de seguida tem por base a aprendizagem que fiz ao longo do ano de estágio, no Colégio de S. Gonçalo de Amarante, sobre a orientação do Ex.mo Sr. Dr. Vítor Lemos, sendo que, a grelha que hoje uso, bem como a divisão das seções nos domínios do saber, saber fazer e saber ser, foi a “grande novidade” e talvez o “salto” que me faltava dar para conseguir melhor analisar as Unidades Letivas que constam no programa de EMRC.

Assim, sugiro o seguinte:

Unidade letiva	Promover a Concórdia
Saber	<ul style="list-style-type: none"> - A liberdade, como responsabilidade e direito <ul style="list-style-type: none"> - Debate acerca da definição da palavra - Conduzir o aluno a chegar às conclusões: <ul style="list-style-type: none"> - <u>Liberdade = Capacidade para optar;</u> = <u>Possibilidade de decidir</u> <div style="text-align: right; margin-right: 20px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Consequências Boas ou Más</div>  </div> <ul style="list-style-type: none"> - Se a liberdade implica responsabilidade então: <ul style="list-style-type: none"> - Quais são os limites da minha liberdade - <u>Quando começa a liberdade dos outros</u> - O bem comum ← <div style="text-align: right; margin-right: 20px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;"> <ul style="list-style-type: none"> - A liberdade é um direito de todos e para todos - <u>Temos o dever de respeitar a liberdade dos outros</u> </div> </div> <ul style="list-style-type: none"> - É preciso então <u>reconhecer o que é bom e o que é mau:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Por meio de - Atitudes (como faço / a quem faço / o que faço) - <u>Valores</u> (como sou / como faço) - Valores éticos → Valores Morais (compreender / saber significado) <ul style="list-style-type: none"> - O princípio Moral “<u>faz o bem, evita o mal</u>” - Liberdade (<u>escolher fazer o bem ou o mal</u>). - A liberdade, o bem e o mal moral. <u>Somos livres, mas devemos olhar para o passado, lembrando o sofrimento que o mundo já presenciou para sermos capazes de decidir pelo bem.</u>

<p>Saber fazer</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Manifestações do mal moral <ul style="list-style-type: none"> - São consequência de <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block; margin-left: 20px;"> <ul style="list-style-type: none"> - Mau uso da liberdade - Irresponsabilidade </div> - Usar exemplos de situações <ul style="list-style-type: none"> - <u>Não há liberdade</u> - <u>Mal que resulta do mau uso da Liberdade</u> - Ter <u>compaixão</u> e <u>misericórdia</u> pelo outro - Ser "<u>o próximo</u>"; aquele que "<u>sofre com o outro</u>" - Quando decido e <u>opto por escolher o mal</u>: <ul style="list-style-type: none"> - <u>Causo sofrimento a mim próprio</u> - <u>Causo sofrimento muitas vezes aos outros</u> - O mal é quando atuo responsabilmente contra os valores morais <ul style="list-style-type: none"> - É ausência do bem - É fruto da minha liberdade - Escolho essa opção (responsabilidade) - <u>Escolho sem olhar para o lado (para o outro)</u> - Quando atuo desta forma estou a pensar apenas em mim <ul style="list-style-type: none"> - Só quero o meu bem - <u>Só eu interesso</u> - <u>Esquecimento do outro</u> - A proposta cristã é o <u>Amor</u> <ul style="list-style-type: none"> - Relação com o outro (relação verdadeira) - <u>O outro em primeiro lugar</u> - A concórdia promove o Amor <div style="text-align: right; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block; margin-right: 20px;">Sofrimento</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block; margin-top: 20px; margin-right: 20px;">Exemplo a usar: Parábola do "bom samaritano"</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block; margin-top: 20px; margin-right: 20px;">Egoísmo</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block; margin-top: 20px;">Egoísmo VS Amor</div> </div>
<p>Saber ser</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A liberdade <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-left: 20px; width: fit-content;"> <ul style="list-style-type: none"> - Sou responsável pelo que tenho / sou / faço - <u>Respondo por mim e pelos outros</u> - A minha termina, quando começa a do outro (Bem comum) - <u>É um direito de todos e para todos e por isso deve ser respeitada</u> </div> - Fazer o bem <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-left: 20px; width: fit-content;"> <ul style="list-style-type: none"> - Faz o bem, evita o mal é o principio moral fundamental - Quando não o faço estou a ser egoísta, sendo a origem e causa do mal - Quando só quero o meu bem rejeito o bem dos/aos outros </div> - Amor <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-left: 20px; width: fit-content;"> <ul style="list-style-type: none"> - <u>A proposta cristã é o amor</u>, através dele surgem as verdadeiras relações - <u>Amar os outros é pô-los em primeiro lugar</u> - <u>Ao pô-los em primeiro lugar tenho de olhar por eles, tenho misericórdia e compaixão por eles.</u> - A perfeição total no Amor é a Concórdia e o Perdão <ul style="list-style-type: none"> - Quando desculpo o outro pelo mal que fez - Quando o perdoo (apesar do mal feito, torno-o novamente bom) - Perdoar é só para os fortes <ul style="list-style-type: none"> - O perdão exige amor - Quando o faço deixo de ser egoísta, <u>estou a pôr o outro em primeiro lugar</u> - Os conflitos resolvem-se com a concórdia, vivência do amor e perdão. - <u>Respeitando e aceitando o outro</u>, como é, e no uso da sua liberdade estou a fazer o bem e evitar o mal que significa estar e fazer a paz. </div>

Como facilmente se pode constatar, ao longo desta proposta ou sugestão didática, fui sublinhando algumas frases chave e palavras fruto do contributo de Johann Baptist Metz que apresentei anteriormente.

Destaquei fundamentalmente a palavra sofrimento, compaixão e misericórdia tendo em conta que são as palavras-chave, se assim se pode dizer, de Metz e talvez o seu melhor contributo para esta unidade letiva.

Ao ensinarmos os alunos a olhar para o passado, para as experiências, para os exemplos ou maus exemplos que se praticaram e originaram em muitos casos, vítimas inocentes dessa “discórdia” ou desordem, estamos a fazer com que entendam melhor qual o melhor caminho a seguir, qual o significado da palavra concórdia e o porque de ser necessária neste mundo.

Esta sugestão por mim elaborada, penso que conduz o aluno ao objetivo que se pretende com a unidade letiva, deixando assim de parte alguma subjetividade ou moralismos que teimam em persistir em alguns assuntos abordados, em nada contribuindo para a aprendizagem dos alunos, muito menos para poderem neles despertar um espírito crítico, coerente com as problemáticas em questão.

Conclusão

Nestas últimas linhas que escrevo neste meu trabalho, muitas coisas poderiam ser ditas, fruto destes últimos anos de aprendizagem, contudo vou-me limitar a terminar, de forma sólida e concisa.

Ao longo deste trabalho fui constatando que haveria várias “coisas” passíveis de sofrer algumas mudanças acerca deste tema, para o tornar mais pedagógico e didático e para que todos os alunos possam frequentar e perceber da melhor forma a temática, dando-lhe a mesma importância, coisa que, como o tema se encontra elaborado, apenas os alunos católicos conseguem perceber ou pelo menos, mais facilmente chegam ao âmago da questão.

Este com certeza não é o interesse do tema em si nem das aulas de EMRC, pois elas pretendem sim, ser um “espaço” aberto e em que todos tenham um lugar importante.

Muitas foram as conclusões tiradas, a começar pela importância de reforçar alguns valores e significados que são imprescindíveis para se trabalhar este tema, destacando a importância da memória do passado, do sofrimento dos outros, a compaixão, misericórdia e amor pelos outros e o nosso crescimento e desenvolvimento livre e/ou em busca da liberdade.

Para isso contribuíram no meu trabalho e sugeri que contribuíssem no tema da UL, Paul RICOEUR, Emanuel LEVINAS e por fim e mais aprofundado Johann Baptist METZ, no qual se centrou toda a segunda parte do meu trabalho, tendo em conta que a conciliação da memória e a compaixão pelos outros, são os que apresentei como principais, deste autor para o tema promover a concórdia.

Com a abordagem de Metz, que desenvolvi neste meu trabalho, o importante é, manter viva a memória dos que vieram antes de nós, recordando e interpretando essa história, essa memória perigosa, para em seguida conseguirmos reorientar a nossa vida. Contar a história como foi vivida no passado, moldando-a para desafiar a vivência do presente e do futuro (esperança), tendo em conta que ao ter memória do passado estamos a “padecer com” aqueles que sofreram e agora nos dão o exemplo e nos ensinam e mostram o novo caminho a seguir; este é o grande contributo do autor e a melhor forma de chegar a todos os “tipos” (cristãos ou não) de alunos que possamos ter dentro da sala de aulas da nossa disciplina.

O exemplo bíblico que nos pode ilustrar a linha de pensamento de Metz, é conforme indiquei na minha sugestão didática, a parábola do “bom samaritano”¹²⁹ pois, é uma parábola que marca de uma maneira especial a memória da humanidade e que explica com clareza a maneira de agir do cristão, que luta pelos direitos e que dá uma perfeita noção de quem é o nosso e verdadeiro próximo.

Assim, diria que, hoje, só continuamos a cometer os mesmos erros do passado se, estamos desatentos e desinteressados de todo o passado histórico, tradicional e religioso, pois parece que os interesses do homem de hoje são essencialmente o “viver o presente”, cada vez mais, cumprindo quase à risca aquela velha e radical ideia: “vive cada dia como se fosse o último”, mas usando-a só, para cumprir os seus interesses e nunca para olhar pelos outros.

Gostaria aqui, de lembrar a introdução deste meu trabalho, “concórdia é a arte do coração”. Quem o tem e sabe funcionar com ele, ama a vida e ama os outros, pois o amor foi a lei que Deus nos deu, através de Jesus.

Diante destas interpelações, o professor de EMRC tem um papel fundamental, ao inculcar nos seus alunos este conhecimento do mundo que nos rodeia e de todas as situações e experiências de sofrimento do mundo.

Neste contexto, penso que, poderia colocar a questão: será que abordar este tema baseando-nos na experiência de sofrimento do mundo não necessitará de um “dar a volta por cima”? Daí a sugestão que faço, no ponto do “saber ser”, utilizando as palavras, fazer o bem, liberdade e amor.

No culminar deste meu trabalho e com a abordagem que fiz ao tema, constato que há muitas vantagens em abordar o tema da forma que apresentei, desde logo pelo fato de, desta forma a disciplina se tornar uma “disciplina para todos” e não necessariamente apenas para os cristãos, apresentando o tema de uma maneira mais pedagógica e menos catequética conforme afirmei desde o início.

No que se refere à unidade letiva estudada conclui-se que possui demasiados textos, que em pouco ou nada dignificam a temática e em muito pouco contribuem para a tornar perceptível e esclarecedora aos olhos e ouvidos dos alunos, conforme anteriormente referi.

¹²⁹ Lc. 10, 30-37

Daí a minha sugestão de abordar o tema olhando para o pensamento de outros autores, sendo que para isso terá de ser abordado de outra forma, conforme apresentei no ponto número três deste meu trabalho.

De salientar também que o tema é promover a concórdia e não, o bem e o mal, ou o perdão e o pecado. Este misturar de questões sem um “alinhamento” coerente, em nada dignificam o tema central, repare-se por exemplo, num ainda que pequeno pormenor, na UL, num texto intitulado “Manifestações do mal”¹³⁰, surge um texto de uma carta para Anne Frank e numa “caixinha” ao lado apenas em duas linhas, a explicar quem foi Anne e a falar do holocausto. Interrogo-me, colocou-se isso aí porque se pressupõe que os alunos do quinto ano já falaram em “história” do holocausto? Logo, saberão que o holocausto foi uma manifestação do mal orquestrada por determinados homens?

Com a minha sugestão, esta UL ganhará um novo folego e fará com que a promoção da concórdia assuma o seu, tão importante papel, para a dignidade do homem.

Termino, copiando uma frase de Metz, da página cento e seis do livro *Esperar a pesar de todo*, porque foi uma frase que marquei nas minhas leituras, me marcou para a vida e gostava de a partilhar:

“Lo más importante que podemos aprender unos de otros es la fidelidad a la verdad. Y que la verdad es una, pero que hay muchos caminos que llevan a ella”.

¹³⁰ SNEC. *Caminhos de encontro. Educação Moral e Religiosa Católica. 5º Ano do ensino básico. Manual do aluno*, pág. 131

Bibliografia

Fontes:

Bento XVI – Carta Encíclica *Deus Caritas Est*. Coleção A voz do Papa. Edições São Paulo. Paulinas 2006

Bento XVI – Carta Encíclica *Spe Salvi, sobre a esperança cristã*. Paulinas 2007

Bento XVI – Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, Paulinas 2009

Bento XVI – Mensagem do dia mundial da paz. 1 de Janeiro de 2010

Bento XVI – Mensagem do dia mundial da paz. 1 de Janeiro de 2012

Bento XVI – Mensagem do dia mundial da paz. 1 de Janeiro de 2013

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ. – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa, SNEC, 2007

CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. – *EMRC um valioso contributo para a formação da personalidade*. Fátima: 2006

ANTÓNIO LOBO, *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição, Plátano Editora, 1996.

FRANCISCO Pontífice – Carta Encíclica *Lumen Fidei, sobre a fé*, documentos do magistério, editora paulus, loyola, 2013

IGREJA CATÓLICA. – *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 1993.

IGREJA CATÓLICA. – *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*. Paulus editora, 2011

IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos conciliares e pontifícios*. A.O. Braga

JOÃO PAULO II. *Dom e Mistério, 2ª Edição, Secretariado Geral do Episcopado*. Paulinas, 1996

JOÃO PAULO II. *O Evangelho da vida. Carta Encíclica sobre o valor e o carácter inviolável da vida humana*. Editorial A.O. – Braga, 1995.

JOÃO PAULO II. *O sentido cristão do sofrimento humano*, 4ª edição, Editorial A.O. Braga, 1996

JOÃO PAULO II. *A fé e a razão. As duas asas do Espírito humano. Encíclica sobre a filosofia cristã.* Paulus, 1998.

JOÃO PAULO II. *À entrada do novo milénio. Carta apostólica ao episcopado, ao clero e aos fiéis no termo do grande jubileu do ano 2000.* Editorial A.O. – Braga, 2001

JOÃO PAULO II. *O esplendor da verdade. Carta encíclica, texto e comentários.* Edições São Paulo, 1993

LOGOS – *Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia.* Editorial Verbo, 1991.

SNEC. *Ensino religioso escolar. O contributo do ensino religioso para a tarefa educativa escolar na europa no limiar do 3º milénio. VII fórum europeu do ensino religioso escolar.* SNEC, 1998.

SNEC. *Caminhos de encontro. Educação Moral e Religiosa Católica. 5º Ano do ensino básico. Manual do aluno.*

Www.Vaticano.va – “Sitio” onde consultei as encíclicas e cartas dos Papas.

Legislação

- Concordata entre a Santa Sé e a Republica Portuguesa – 2004.
- Dec. Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro. D.R: I Série A. Portugal, Ministério da Educação.
- Dec. Lei nº 16/2001 de 22 de Junho – D. R. °143/2011 série I – A.
- Despacho nº 17169/2011 de 23 de Dezembro. D. R: II Série. Portugal, Ministério da Educação e Ciência.
- Despacho 5306/2012 de 18 de Abril, nº1. Metas Curriculares de EMRC.
- Lei de bases do sistema educativo, Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.

Estudos:

DUQUE, João, *Fé Cristã depois da morte simbólica de Deus.* Revista Humanística e Teologia, Julho 2008, Edição da Faculdade de Teologia, Porto, Pág. 107-117

- EUGENIO ALBURQUERQUE FRUTOS. *Moral de la vida y de la sexualidad. Colección Claves Cristianas. 2ª Edição.* Editorial CCS, 2002.
- FERNANDES, António de Oliveira, *Paul Ricoeur, Sujeito e ética*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1996
- FLEXA ANDRÉS, José Román. *Teologia Moral Fundamental. Sapientia Fidei, série de manuales de teologia.* Biblioteca de autores cristianos. Madrid, 1997
- LEVINAS Emanuel, *Totalidade e infinito.* Lisboa Edições, 70, 2008,
- L. BOFF. *Ecologia, grito de la Tierra, grito de los pobres*, Madrid, 1966
- METZ, Johann Baptist, “Deus e os males deste mundo. A esquecida mas inesquecível Teodicéia”, *CONCILIUM – Um novo apocalipse: O retorno das pragas.* 273 – 1997/5, págs. 8 – 26.
- METZ, Johann Baptist, “Tempo sem termo Final? Fundamentos para o debate sobre o tema “Ressurreição ou reencarnação” *CONCILIUM – Reencarnação ou ressurreição?* 249 – 1993/5, págs. 147-156
- METZ, Johann Baptist, “Como hablar de Dios frente a la história del sufrimiento del mundo”, *SELECCIONES DE TEOLOGIA – Nº 130, vol. 33.* 1994, págs. 99-106
- METZ, Johann Baptist, “Hacia una cristologia después de Auschwitz”, *SELECCIONES DE TEOLOGIA – Nº 158, vol. 40.* 2001, págs.111-116.
- METZ, Johann Baptist, “Dios y el tiempo. Teología y metafísica en las fronteras de la modernidad”, *SELECCIONES DE TEOLOGIA – Nº 162, vol.41.* 2002, págs. 152-160.
- METZ, Johann Baptist – *Teología del mundo. Verdad e Imagen 18.* Ediciones Sigueme. Salamanca, 1970.
- METZ, Johann Baptist e WIESEL Elie – *Esperar a pesar de todo. Conversaciones com E. Schuster y R. Boschert – Kimmig. Prólogo de Reyes Mate. Traducción de Carmen Gauger.* Editorial Trotta, 1996.
- METZ, Johann Baptist – *Dios y Tiempo. Nueva teologia política.* Editorial Trotta, 1997.
- METZ, Johann Baptist – *Por una cultura de la memória.* Filosofía de la Religión. Pensamento crítico pensamento utópico. Anthropos Editorial, 1999.

METZ, Johann Baptist – *Memoria Passionis. Una evocación provocadora en una sociedade pluralista*. Sal Terrae, Santander, 2007.

M. Omar Ruz; G. Rosalino; C. Schickendantz, “La fuerza subversiva del sufrimiento evocado”, *REVISTA TEOLOGIA* Tomo XLVI, Nº100. Dezembro 2009, págs. 27-36.

MOLTMANN Jurgen, *trinitéetroyaume de Dieu*, trad. M. Kleiber. Paris, 1984.

PACHECO, José Augusto – *Currículo: Teoria e Práxis*. Coleção Ciências da Educação nº. 22. 2ª Edição. Porto: Porto Editora, 2001.

Ricoeur, Paul. *A crítica e a convicção*. Biblioteca de filosofia contemporânea. Edições 70, 1995.

RICOEUR, Paul. *O conflito de interpretações. Ensaio de hermenêutica*. Paris 1969.

RICOEUR, Paul. *O justo ou a essência da justiça*. Editora Piaget, coleção pensamento e filosofia, 2007.

ROLDÃO, Maria do Céu. *Gestão Curricular. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, departamento da Educação Básica, 1999.

TEIXEIRA, João António. *Grão de Mostarda. 20 reflexões para o novo século, a partir do jubileu 2000*, Multinova, palavras de honra, 2001.

TEIXEIRA, João António. *O sofrimento e a trindade. Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemática. U.C.P.* Lisboa 1995.

TEIXEIRA, João António. *Falar de Deus no limiar do terceiro milénio*. Paulus, 1999.

VIDAL, Marciano – *Moral Fundamental. Moral de Actitudes I*. Madrid: PS Editorial, 1990

VIDAL, Marciano - *Dicionário de Moral. Dicionário de ética teológica* Dicionários eps.

Índice

Siglário	2
Introdução	3
1 - Promover a Concordia no programa de EMRC	6
1.1 - Competências Especificas	6
1.2 - Enquadramento e pertinência pedagógica no programa	19
1.3 - Estrutura temática, operacionalização dos conteúdos	24
1.4 - Fundamentação, leitura critica e considerações acerca dos temas desta unidade letiva:	29
1.4.1. – “A liberdade humana”	29
1.4.2. – “O agir moral”	31
1.4.3. – “A desconfiança e o medo”	32
1.4.4. – “Mal moral e pecado”	33
1.4.5. – “Promover a concórdia”	35
1.5 - Promover a concórdia, é um problema social	
Interrogação ou afirmação?	37
2 – Contributo de JOHANN BAPTIST METZ para a compreensão de uma cultura da memória do sofrimento humano	42
2.1- O sofrimento alheio, ser solidário com os que sofrem	43
2.2- A nova Teologia Política	47
2.3- Uma cultura da memória perigosa – Memória de Liberdade	52
2.4 – Alegações e contributos para a unidade letiva	54
3 – Sugestão didática para uma nova unidade letiva sobre “Promover a Concordia”	56
Conclusão	59
Bibliografia	62
Índice	66